

DELICIOSO, ESPIRITUOSO
E MUITO DIVERTIDO!
-LAURA LEE GUHRKE

A romantic couple in 18th-century attire. The woman is wearing a yellow off-the-shoulder gown and has her hair in a bun. The man is wearing a white ruffled shirt. They are embracing and about to kiss. The background is a warm, reddish-brown with a subtle floral pattern.

A
PROMESSA
de um BEIJO
KATE BATEMAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

DELICIOSO, ESPIRITUOSO
E MUITO DIVERTIDO!
- LAURA TEF GUHRKE

A romantic couple in 18th-century attire. The woman is wearing a yellow off-the-shoulder gown and has her hair in an updo. The man is wearing a white ruffled shirt. They are embracing and about to kiss. The background is a warm, reddish-brown color with a subtle pattern.

A
PROMESSA
de um BEIJO
KATE BATEMAN



Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Capítulo 1](#)
5. [Capítulo 2](#)
6. [Capítulo 3](#)
7. [Capítulo 4](#)
8. [Capítulo 5](#)
9. [Capítulo 6](#)
10. [Capítulo 7](#)
11. [Capítulo 8](#)
12. [Capítulo 9](#)
13. [Capítulo 10](#)
14. [Capítulo 11](#)
15. [Capítulo 12](#)
16. [Capítulo 13](#)
17. [Capítulo 14](#)
18. [Capítulo 15](#)
19. [Capítulo 16](#)
20. [Capítulo 17](#)
21. [Epílogo](#)
22. [Posfácio](#)
23. [Vem aí](#)
24. [Mais da Autora](#)
 1. [Série Espiões e Segredos](#)
 2. [Para Pagar o Diabo](#)
25. [Kate Bateman](#)
26. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

A romantic couple in 18th-century attire. The woman is wearing a yellow dress and the man is wearing a white shirt. They are embracing and about to kiss.

A PROMESSA *de um* BEIJO

KATE BATEMAN

1ª Edição



Ribeirão Preto/SP

Direitos Autorais



Título Original: Promise of a Kiss
Copyright © 2019 Kate Bateman
Copyright da tradução © 2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Hamireths Costa
Revisão: Raquel Medeiros e D. Marquezi
Diagramação e adaptação Capa: Labellaluna Web®
Arte capa: Aleta Rafton Cover Art.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) FICHA CATALOGRÁFICA

B329lbe

Bateman, Kate

Título: Para pagar o Diabo (recurso eletrônico) © 2023 Leabhar Books

Editora Ltda - Ribeirão Preto - SP-BR

Tradução de: The Devil to pay © 2017 Kate Bateman

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-165-0

1. Romance de Época. 2. Americano. 3. Moreira, Regiane. I. Título

80754

**CDD 82-32
CDU 134-3**

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro, 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | <https://www.leabharbooks.com/>

Capítulo 1



Londres, abril de 1815.

— Não farei isso.

Harry Tremayne, segundo filho do Conde de Ashton e ex-cavaleiro da Cavalaria Real, virou a página do jornal e tentou ignorar sua tia-avó, Agatha, que pairava a sua frente.

Falhou. A Condessa Viúva de Ashton era uma mulher impossível de ignorar, apesar de ter pouco mais de um metro e meio de altura. Tinha uma presença formidável; até mesmo seus amigos mais próximos, se referiam a ela como um “machado de guerra”.

— O senhor tem que ir encontrá-la, ela é sua prima! — gritou tia Agatha.

Harry fez uma careta e abaixou o canto do *Racing Post* novamente.

— Ela não é minha prima — disse ele impaciente. — É a enteada de primeiro grau da sua irmã, ou algo igualmente complicado. Sou mais parente do Rei da Inglaterra. Não devo nenhum favor familiar a ela.

Tia Agatha lhe enviou um olhar penetrante. Aquele olhar tinha sido muito eficaz quando Harry era um menino de sete anos. Era quase tão aterrorizante agora, apesar de ele ser vinte anos mais velho.

— Bem, seja como for, Harry George Bernard Tremayne — disse tia Agatha... e Harry sabia que falava a sério, pois usara seu nome completo. — Tem um dever para comigo. Estou velha, frágil e...

Harry bufou.

— Que disparate! A senhora é a idosa mais esperta que já conheci.

— Eu tenho oitenta e um...

— Não, não tem. A senhora tem setenta e três anos. Eu vi a data de seu aniversário na contracapa da bíblia da família, a senhora é tão dura quanto botas velhas. — Harry terminou, impassível. — Mande outra pessoa. Já resgatei aquela mulher várias vezes. Passei três anos de olho nela em quase todas as grandes cidades da Europa, antes de sair para servir ao rei e ao meu país.

Tia Agatha abriu a boca, mas ele ainda não havia terminado.

— Lady Hester Morden, tem uma incrível capacidade de encontrar áreas do mundo, envolvidas em conflitos políticos. Ela é um ímã para problemas. No começo, pensei que fosse apenas azarada por tropeçar em situações infelizes, mas então percebi a verdade: Lady Hester geralmente é a causa do *referido* conflito.

Tia Agatha tentou interromper, mas Harry levantou a mão.

— Ela é uma daquelas mulheres irritantemente, independentes, capazes de fazerem com que homens são, desistam de beber. Ela é um desastre com um D maiúsculo. — Ele ergueu as sobrancelhas. — A senhora quer localizá-la? Isso é fácil, basta procurar nos jornais. Encontre um lugar com alguma revolta

camponesa acontecendo, ou um tipo de revolução desagradável, e de dez a um, ela estará lá no meio disso tudo. Instigando.

Ele balançou a cabeça e adotou uma expressão de arrependimento falso. — Sinto muito, tia Agatha, mas não quero abusar da sorte. Voltei da guerra com apenas um arranhão. A última vez que vi Lady Hester, ela ameaçou me castrar. Ou atirar em mim. Ou me estrangular. Ou, possivelmente, todos os três de uma vez.

— Isso porque a beijou! — Tia Agatha explodiu, finalmente conseguindo falar algo. — Dois anos atrás. No jardim de Lady Bressingham...

— Eu tinha que fazer algo para impedi-la de insultar o embaixador turco. Ela ficava dizendo a ele como suas reformas eram terríveis. Foi a única coisa que consegui pensar na época, para não a atacar na cabeça e arrastar seu corpo para os arbustos. O que, pensando bem, teria sido uma ideia muito melhor.

Harry franziu a testa.

Certamente teria sido melhor para sua sanidade. Porque sonhou em beijar Lady Hester Morden, por anos, pessoa complicada e irritante que ela era, e o pior era que tinha sido tão espetacular quanto ele temia que fosse. Sabia que seria um problema se permitir até mesmo um gostinho dela, mas não conseguiu resistir.

Claro, depois daquele beijo público, ele lhe ofereceu casamento, mas Hester recusou vigorosamente. Ela não se importava com o escândalo. Estava prestes a acompanhar seu excêntrico tio Jasper, um eminente estudioso e cartógrafo, em uma longa excursão pelo Egito.

Harry também estava prestes a deixar o país para lutar contra o tirano francês Napoleão, então aceitou a sua recusa de bom grato, no entanto, um pouco irritado. Por que ela não queria se casar com ele? Era um bom partido, não era? Tinha um título, uma fortuna modesta, e Hester era uma herdeira por direito próprio; ela não precisava se casar por dinheiro.

Lembrou-se de que teve uma escapada de sorte. Não estava pronto para se estabelecer, e poderia ter sido morto em batalha e deixado uma viúva. Hester também ansiava por aventuras. Como o Egito estava longe das zonas de guerra europeias, Harry esperava que a viagem pudesse mantê-la longe de problemas... pelo menos até que ele voltasse da guerra e eles pudessem continuar sua rixa amigável.

Deveria saber melhor. É *claro* que ela se meteria em algum problema, mesmo sob a supervisão de seu tio. A mulher era uma ameaça. E, no entanto, ele era incapaz de resistir a seus encantos. Veja o fato de que passara as últimas semanas organizando sua própria viagem para o Egito, ostensivamente para coletar algumas múmias para vender ao Colégio Real de Cirurgiões, mas na realidade, porque já era hora de alguém se certificar de que Hester Morden, ainda estava viva.

Ele não deveria se importar se ela tivesse sido trancada em um harém ou roubada por salteadores. Não era problema seu. Mas *se* estivesse no Egito, poderia muito bem perguntar sobre o seu paradeiro.

Tia Agatha parecia sentir o cheiro da vitória. — A família está muito preocupada, Harry. Não há nenhuma carta de Jasper há semanas.

— A senhora sabe quanto tempo leva para chegar uma correspondência do Egito aqui. Provavelmente está apenas atrasada.

Tia Agatha balançou a cabeça. — Quero que a encontre. É hora dela voltar para a Inglaterra e se casar.

— A senhora não vai conseguir casá-la, mesmo que ela volte. — disse Harry com convicção. — Ela é completamente incivilizada. Certa vez, empurrou-me em um canal em Veneza.

— Sem dúvida, mereceu. — Tia Agatha fungou. — Sempre provocou a pobre criança.

Isso era verdade. Ele estava zombando dela e de sua pronúncia italiana na época e frustrando as atenções amorosas de um conde caçador de fortunas. Hester também não o agradeceu.

— Irá para o Egito, não irá? — Agatha perguntou de forma ríspida. — Sua mãe me contou. Portanto, não estará tão fora de seu caminho.

— A senhora tem ideia de quão grande é o Egito? É enorme. Há literalmente milhares de lugares para se perder e ficar perdido.

Tia Agatha ignorou essa lógica. — Sua mãe disse que irá pegar alguns faraós.

— Múmias — Harry a corrigiu. — O Colégio Real de Cirurgiões quer múmias. Para dissecação. Eles pagarão, generosamente, por espécimes bem preservadas.

Tia Agatha fez uma espécie de som pelo nariz, o que parecia indicar nojo, mas então seus olhos reumáticos se tornaram maliciosos. — Então é isso! Seus bolsos estão vazios. O que foi, meu menino? Perdeu nas cartas? — Ela olhou para o *Racing Post*. — Problemas com os cavalos?

Harry ergueu uma sobrancelha. Seu irmão mais velho, James, era herdeiro das propriedades dos Tremayne. Como o segundo filho, Harry preferiu se juntar ao Exército em vez de seguir uma carreira na igreja ou na academia, mas desde que Napoleão foi enviado para a ilha de Elba, as coisas ficaram bastante tranquilas. Ele se demitiu do exército e recebeu o pagamento da comissão de seu oficial, mas isso não era suficiente para sustentá-lo para sempre. Uma viagem ao Egito resolveria suas dívidas mais urgentes e daria para fazer um belo pé de meia para o futuro.

— Se algo aconteceu com Jasper, a pobre criança ficará indefesa. — Agatha suspirou dramaticamente. — Ela é uma donzela em perigo.

Harry mal conteve um bufo. — Lady Hester Morden é a última pessoa na cristandade, que precisa ser resgatada. Ela é a mulher mais capaz que já conheci. E sem dúvida recusaria minha ajuda, mesmo que eu a oferecesse. Sinto muito, tia Agatha. Nada poderia me induzir.

— Nem mesmo cinco mil libras? — Tia Agatha perguntou com falsa inocência. — Pagarei cinco mil libras ao homem que a trouxer em segurança à Inglaterra.

A mandíbula de Harry relaxou. Ele deslizou a mão no bolso do colete, retirou seu frasco de prata favorito... o que Hester lhe dera... e tomou um gole revigorante de conhaque.

— Considere-me induzido.

Capítulo 2



Três semanas depois. Maio de 1815.

Lady Hester Morden, não estava em seu melhor dia.

Ela não tinha, na verdade, pensado que poderia piorar depois de ter sido o alvo do espirro... mais uma vez... de seu dromedário ranzinza, Bahaba, e descoberto um escorpião dentro da sua bota no café da manhã, mas o universo era muitas vezes, surpreendentemente, sarcástico. As coisas, ela descobriu, *sempre* poderiam piorar.

Ela descera em um poço seco para examinar uma série interessante de inscrições ptolomaicas, que conseguira ver esculpidas em um painel na parte inferior.

Como seu tio Jasper, Hester era uma cartógrafa e, embora, seu objetivo principal fosse completar o mapa definitivo do Alto Egito que estavam tão perto de completar, antes da morte infeliz do tio Jasper, ela também estava interessada em todas as formas de arqueologia antiga. Talvez seria a única pessoa a desvendar a misteriosa escrita egípcia conhecida como hieróglifos? Isso, certamente, seria interessante.

Determinada a dar uma olhada mais de perto nos desenhos, levantara as saias, descera a escada improvisada, e ficara tão absorta que demorou algum tempo para perceber que a escada havia sido puxada de volta.

— Suleiman! — Hester gritou. Sua garganta estava seca devido a areia e a poeira. Estava pronta para desfrutar de uma boa xícara de chá em sua tenda.

Mas o companheiro mameluco leal do tio Jasper, Suleiman, que modestamente referia-se a si mesmo como “o magnífico”, parecia ter desaparecido.

Hester franziu a testa. Esquecera seu chapéu novamente, e o sol ardia impiedosamente sobre a sua cabeça. Ela protegeu os olhos enquanto olhava para cima. — Suleiman! Onde diabos está?! Onde está a escada?!

Sem resposta.

Em algum lugar ao longe, um burro zurrou. Parecia muito com uma risada.

Hester colocou as mãos nos quadris e soltou um longo suspiro. *Maravilhoso*. Ali estava ela. Presa no fundo de um poço.

Ela olhou para as paredes curvas. *Talvez conseguisse escalar?* Ela poderia enfiar as mãos nas lacunas entre as pedras..., mas o pensamento sobre escorpiões e cobras que poderiam habitar aqueles espaços, a fizeram mudar de ideia.

E então ela ouviu o estalo distinto de passos e olhou para cima, sentindo-se reanimar. O contorno escuro de uma figura masculina, apenas a parte superior, cabeça e ombros, inclinou-se sobre a borda do poço e olhou para ela.

— Oh, Suleiman! Ainda bem que chegou. Graças a Deus! Alguém parece ter puxado a escada sem perceber que eu estava aqui embaixo. Pode pegá-la,

por favor? Ou, na falta dela, uma corda?

A luz do sol era ofuscante. Hester apertou os olhos para cima e franziu a testa. O contorno escuro, embora de ombros largos, usava um chapéu de estilo europeu, não o turbante habitual de Suleiman.

Seu estômago embrulhou. Aquele contorno parecia muito familiar.

Não! Não podia ser. Seus olhos estavam lhe pregando uma peça. Ela não o via há dois anos. Era uma miragem, provocada por sol em demasia.

Piscou, mas a sombra permaneceu no mesmo lugar.

O dia estava tão claro que ela não conseguia ver o rosto do homem perfeitamente, mas de alguma forma, *sabia* que ele estava rindo dela.

Hester fechou os olhos e fez uma oração fervorosa para qualquer deus que pudesse estar ouvindo. — *Por favor, não. Qualquer um, menos ele.*

Se ela pudesse escolher, o único homem em todo o hemisfério norte que nunca mais queria ver, era Harry Tremayne.

— O que a senhorita está fazendo aí embaixo? — a sombra perguntou alegremente, e o som daquela voz grave e divertida confirmou suas piores suspeitas.

— Harry Tremayne! — ela resmungou. — O que diabos está fazendo aqui?

— É um prazer revê-la também, Lady Morden. — Veio a resposta, irritantemente, bem-humorada.

Hester rangeu os dentes.

A sombra fez um floreio sarcástico com seu chapéu. — Vim resgatá-la.

— O senhor? Me resgatar? Ha! Isso é irônico.

— Não sou eu quem está preso no fundo de um poço — ele apontou com uma lógica irrefutável. — A senhorita não deveria recusar minha oferta tão rapidamente. Espere um segundo. Pegarei uma escada.

Pouco tempo depois, uma escada frágil desceu pelo poço e, com um suspiro de resignação, Hester subiu os degraus. Ela ignorou a mão que Harry lhe ofereceu e saltou o muro baixo, depois fez uma grande exibição para tirar o pó de suas saias, se dando um pouco de tempo antes de se endireitar e cumprimentar sua nêmesis.

Era pior do que ela esperava. Harry Tremayne estava mais bonito do que nunca. Seus cabelos escuros e desgrehados gritavam para que fossem tocados. Aqueles olhos azuis eram zombeteiros e convidativos ao mesmo tempo. E aqueles lábios, foram o seu objeto de desejo por muitas noites.

Ele usava uma camisa branca fina, abotoada desleixadamente no pescoço, um par de calças lustrosas, botas de couro de cano alto e uma bolsa de couro atravessada no peito, estilo bandoleiro. Parecia um pirata, como o charmoso patife que era.

Hester estreitou os olhos. Sem dúvida, estava toda desgrehada, suada e empoeirada. Ele *sempre* conseguia pegá-la em desvantagem.

— Sabe quantos quilômetros existem entre o Egito e Londres, Sr. Tremayne? — Ela perguntou rigidamente.

— Não exatamente. — Ele admitiu. — Muitos.

— Se pegar a rota terrestre, são aproximadamente oito mil e quinhentos quilômetros. Como corvos voam, são pouco mais de três mil.

Ele ergueu uma sobranceira irritantemente perfeita. — Qual é o seu ponto?

— São três mil, maravilhosos quilômetros, que colocaria entre mim e o senhor, Harry Tremayne.

Harry inclinou a cabeça e deu-lhe um olhar divertido e repreensivo. — A senhorita ainda não está com raiva por causa daquele beijo, está? Bom Deus! Ofereci-lhe casamento, não foi? Mas a senhorita recusou.

— O senhor só ofereceu porque arruinou minha reputação!

— Então? Foi a coisa honrosa a fazer.

Hester o cutucou no peito com o dedo indicador. — *Então*, não irei me casar com alguém que foi forçado a isso por causa de um escândalo estúpido. Quero alguém que *queira* se casar comigo.

Ele balançou a cabeça, como se isso fosse mistificar a lógica feminina no seu pior. — E aqui estava eu, pensando que a senhorita ficaria feliz em ver um rosto familiar. — Ele colocou as mãos sobre o coração fazendo um gesto teatral. — Estou ferido, Lady Morden. Até o âmagô. Quase se é possível inferir que a senhorita não está feliz em me ver.

Ela o olhou, irritada.

Olhando em volta com uma carranca repentina, Harry perguntou. — Onde está seu tio Jasper?

Hester tentou não parecer culpada. — Ele está morto, na verdade.

— Morto! Desde quando?

Ela ergueu o queixo. — Desde cinco semanas atrás. Ele teve algum tipo de apoplexia. Foi muito repentino. Em um minuto, estávamos examinando a cordilheira leste do...

— Cinco semanas?! Ele está morto há todo esse tempo?! — Harry interrompeu. — E a senhorita não pensou em escrever uma carta para a Inglaterra? Ou ir até o Cairo e informar Henry Salt, o cônsul britânico?

— Não, não pensei nisso. Porque sabia que assim que eu fizesse, todos exigiriam que eu voltasse para casa. Não estou pronta. Decidi ficar e terminar o mapa do Alto Egito do tio Jasper. É o que ele teria desejado. Estou quase terminando, na verdade. Só preciso de mais alguns dias.

A expressão de Harry retratava seu choque e aborrecimento. — Bom Deus! É um milagre que ainda esteja viva. A senhorita esteve aqui sozinha, desprotegida...

— Dificilmente. — Hester zombou. — Tenho Suleiman. Ele é um guarda-costas treinado. Um soldado mameluco que já fez a segurança do próprio Ali Paxá.

Harry colocou as mãos nos quadris. — Então, onde ele está?

— Na verdade, não sei. É muito atípico ele simplesmente desaparecer.

Ele revirou os olhos.

— De qualquer forma — continuou Hester —, também tenho uma carta de proteção do próprio Muhammad Bei. Isso me dá passagem livre por todo o

seu império e promete consequências terríveis para qualquer um que interfira comigo ou com minha comitiva.

— Ah, e tenho certeza de que qualquer bandido vai tomar um tempo para ler uma carta antes de roubá-la e assassiná-la. — Harry falou arrastadamente. — Como conseguiu uma coisa dessas, afinal?

— Tio Jasper e o Paxá eram bons amigos. Ficamos no palácio por algumas semanas quando chegamos a Alexandria, e me afeiçoei bastante das suas esposas. Elas adoravam ouvir histórias sobre a Inglaterra. Dei a uma delas um remédio simples para tratar um resfriado e o Bei, deu ao tio Jasper a carta de proteção em agradecimento.

Harry lhe lançou um olhar frustrado. — A senhorita precisa de um homem para protegê-la, não de um pedaço de papel. O Egito não é seguro para uma mulher sozinha. Mesmo alguém tão intrépida quanto a senhorita.

— Ora essas! Todo mundo que encontro aqui me considera uma curiosidade. Não há, de fato, necessidade de o senhor estar aqui. Voltarei para a Inglaterra no meu próprio tempo.

— Há todas as necessidades.

Hester olhou para ele. — Por que está *realmente* aqui, Tremayne?

— Bem, certamente não é pelo prazer de sua companhia, *tão encantadora*. Estou fazendo isso como um favor à minha Tia Agatha. Ela insistiu que alguém viesse buscá-la.

— Não sou uma mercadoria! — Hester ficou furiosa. — E não acredito nisso. O senhor nunca faz nada por bondade do seu coração.

— Bem, se quer mesmo saber a verdade, é pelo dinheiro.

— Que dinheiro?

Harry sorriu... aquele sorriso lindo, infantil e perverso que fazia coisas engraçadas em seu interior.

— Há um preço pela sua cabeça. Uma recompensa, se quiser saber. Tia Agatha ofereceu cinco mil libras ao homem que a levasse em segurança para a Inglaterra.

— Ela não fez isso!

— Ela realmente fez. E ao contrário da senhorita, Lady Morden, não estou na fila para herdar uma grande fortuna. Alguns de nós têm que ganhar a vida. Preocupações plebeias, eu sei, mas essa é a verdade.

Hester respirou fundo. O ar escaldante do deserto queimando seus pulmões. — Como ela pôde fazer isso? E o senhor! O senhor não passa de um caçador de fortunas!

Tremayne nem se preocupou em negar. Ele encolheu o ombro, indiferente, e Hester se repreendeu por notar a maneira como o algodão fino de sua camisa se agarrava perfeitamente aos músculos de seus ombros. Ele tinha um físico esplêndido, tinha que admitir. Era quase tão grande quanto Suleiman.

— Eu estava vindo nessa direção, de qualquer maneira — disse ele. — Quero algumas múmias para levar ao Colégio Real de Cirurgiões. Eles querem dissecá-las.

— Não podem fazer isso!

— Acredito que não preciso da sua permissão — ele disse altivamente. — Tanto a senhorita quanto aquelas múmias voltarão comigo para a Inglaterra, quer goste ou não.

Hester abriu a boca para dizer que preferia lidar com o próprio diabo, mas ele ergueu a mão em um gesto conciliatório.

— Espere! Vamos fazer um acordo. A senhorita diz que só precisa de mais alguns dias para terminar seu mapa. Preciso de alguns dias para conseguir algumas múmias. Se prometer se comportar, e isso significa nenhuma tentativa de fuga e nenhuma tentativa para se livrar de mim, como cobras na minha cama, escorpiões nas minhas calças, etc e etc.... deixarei que termine seu trabalho antes de pegarmos um navio de volta para a Inglaterra.

Hester deu um passo em direção a ele para que estivessem quase nariz a nariz. Bem, nariz no peito; ele era uns bons vinte centímetros mais alto. Ela tentou não notar o quão bem ele cheirava. *Como isso era possível com tanto calor? Maldito homem.*

— Prefiro ser comida por uma praga de gafanhotos — disse ela docemente.

— Na verdade, dada a escolha entre passar um dia com o senhor ou experimentar todas as antigas pragas bíblicas, simultaneamente, eu escolheria as moscas e os sapos sem um momento de hesitação. O senhor é uma peste, Harry Tremayne.

O sorriso desagradável dele só se alargou com a demonstração do temperamento dela.

— Se *não* concordar em se comportar — disse ele, igualmente doce —, irei simplesmente enrolá-la em um tapete, como Cleópatra quando se entregou a si própria a Júlio César, e transportá-la para Alexandria nas costas de um camelo.

Ele estudou o rosto irritado dela com seu olhar perverso por um bom tempo, e o coração de Hester martelou desconfortavelmente em seu peito.

— Temos um acordo? — Tremayne ronronou.

Hester sabia que mais resistência, seria inútil. Presumia que sua família mandaria alguém atrás dela mais cedo ou mais tarde, e na verdade ficou surpresa por terem demorado tanto tempo. Ainda assim, desfrutou de cinco semanas inteiras de liberdade, longe dos salões abafados de Londres, o que contou como uma espécie de vitória. Era simplesmente uma pena que sua escolta fosse o único homem que sempre desejou e nunca poderia ter.

Ela conseguiu dar um suspiro digno de crédito. — Ora, tudo bem. Temos um acordo.

Capítulo 3



Tremayne deu um aceno satisfeito e olhou em sua volta. Sua testa franziu. — Onde estamos, afinal?

— O Oásis de Fayium — Hester fungou. Ela apontou para a trilha empoeirada que levava ao deserto estéril até onde os olhos podiam ver. — Essa é a Estrada dos Quarenta Dias, uma rota comercial usada por séculos para transportar ouro, marfim, especiarias e animais. — Ela franziu a testa. — Certamente estava usando um mapa?

Ele balançou a cabeça, e ela ofegou em desaprovação.

— Não, simplesmente comecei em Alexandria e perguntei por uma dupla de europeus excêntricos: um cavalheiro de cerca de sessenta anos e uma jovem de pele clara e cabelos claros. Eu segui as indicações até aqui. É realmente inesquecível, Lady Morden.

Os olhos dele a examinaram de maneira relaxada, o que de alguma forma conseguiu fazer com que se sentisse ainda mais irritada e mais nervosa do que nunca.

— Por ser estrangeira, é claro. — acrescentou ele tardiamente, seus olhos iluminados com provocações.

Ela inclinou a cabeça. — O senhor teve muita sorte em nos encontrar. No entanto, admito que os mapas desta região não são particularmente úteis. Quando Napoleão chegou aqui há quinze anos, ele trouxe todo um exército de cartógrafos para fazer os mapas mais precisos, mas eles perderam a maioria de seus instrumentos de precisão quando o navio que os transportava afundou a caminho da França. O melhor mapa atualmente disponível tem mais de trinta anos, e é por isso que é tão importante que eu termine o iniciado pelo tio Jasper.

Tremayne revirou os olhos e apontou para as ruínas bem preservadas de um forte em uma colina próxima. — O que é aquilo?

— Os romanos construíram uma série de fortalezas para proteger as caravanas comerciais de ataques.

— Disseram-me que costumavam enviar rufiões para cá. O equivalente egípcio de transporte para as Antípodas. Parece apropriado que tenha acabado aqui.

Hester ignorou a brincadeira. — De fato. A prática de usar o lugar como uma colônia para exilados continuou até a era cristã. Tornou-se um refúgio para eremitas que viviam em tumbas ou cavernas isoladas. — Ela acenou em direção aos afloramentos rochosos que cercavam o oásis.

Tremayne ergueu uma sobrancelha. — Uma vida passada longe de mulheres intrometidas. Consigo ver o apelo nisso.

Ela deu uma bufada deselegante. — Como se conseguisse se abster de companhia feminina por mais de uma semana, Tremayne.

Na Inglaterra, sua reputação era a de um charmoso ladino. As mulheres, especialmente as belas viúvas, sempre se jogavam nele, atraídas por sua boa aparência pecaminosa e sagacidade rápida. Sua suposta proeza no quarto, era lendária. *Ele sem dúvida encontrou uma amante no minuto em que voltou da guerra*, Hester pensou irritada. Não que ela se importasse. A vida pessoal de Harry Tremayne, não era de sua conta.

Ela olhou em sua volta para evitar mirar aquele rosto, bonito até demais. O oásis era realmente bastante pitoresco. O verde chocante das tamareiras era um contraste bem-vindo com o deserto árido e pedregoso ao redor. Mas, pela primeira vez, ela percebeu o quão remoto era. Onde *estava* Suleiman?

Apenas um punhado de colonos viviam permanentemente, no aglomerado decadente de casas ao redor. Eles cuidavam da estreita faixa de terra fértil que cercava a depressão cheia de água e pastoreavam cabras pelas colinas circundantes. Ela e Tremayne eram, provavelmente, os únicos europeus dentro de um raio de cento e sessenta quilômetros.

Se Hester tivesse uma reputação a perder, ficar a sós com ele ali a teria arruinado completamente, mas já estava além do aceitável... graças a Deus... e eles estavam longe das regras e regulamentos absurdos da *ton*.

Um belo garanhão árabe e um burro de aparência entediada, carregado de matilhas coloridas, haviam sido amarrados a uma tamareira próxima, presumivelmente o transporte de Tremayne.

— Espero que tenha trazido suprimentos suficientes — disse Hester irritada. — Certamente não há espaço para o senhor na minha tenda.

Ele lhe enviou um sorriso inocente. — Nunca pensei que houvesse. Não se preocupe comigo. Estou bastante acostumado a dormir ao ar livre. E já que seu guarda-costas parece tê-la abandonado, me posicionarei, galantemente, do lado de fora de sua tenda, para protegê-la de quaisquer intrusos indesejados.

— Para se certificar de que eu não fuja na calada da noite, é o que parece. — Hester rebateu amargamente.

Harry se recostou na parede de pedra baixa do poço. — Isso também. Agora, tenho certeza de que gostaria de mostrar sua gratidão por eu a ter resgatado.

Ele ignorou o bufo dela e apontou para as ruínas aleatórias que cobriam a encosta. — Ainda temos algumas horas antes do pôr do sol. Por que não me mostra alguns túmulos onde posso encontrar uma múmia ou duas? Os moradores locais me asseguraram que ainda restam muitas, mesmo que os outros bens dos túmulos tenham sido saqueados séculos atrás. Falei com um sujeito chamado Mehmet no caminho para cá, que disse que seu irmão descobriu recentemente a entrada de uma nova tumba enquanto procurava uma cabra perdida.

Hester balançou a cabeça. — Por que precisa encontrar uma? Por que, simplesmente, não *compra* uma múmia se está tão ansioso por uma? Lembrome claramente de ver inúmeros sarcófagos sendo colocados à venda em lojas de antiguidades no Cairo.

— A maioria deles eram simplesmente caixas de madeira decoradas. Os bons médicos de Londres querem corpos. E, além disso, fui alertado sobre múmias falsas em Alexandria. Aparentemente, alguns traficantes sem escrúpulos, usam condenados recentemente falecidos. Eles os cobrem de alcatrão, os deixam secar no sol, depois os embrulham em bandagens e os vendem a turistas desavisados. — Ele se endireitou e caminhou em direção às ruínas, suas longas pernas devorando a distância. — Não, encontrar a minha própria múmia é a única maneira de garantir que o que tenho é autêntico. Vamos.

Hester ficou tentada a ignorá-lo, mas depois decidiu que ela poderia muito bem tentar dissuadi-lo de sua tarefa desagradável. *Não* aprovava a remoção de múmias de seu lugar de descanso eterno. Seria bom se ele caísse em um poço de sepultamento e quebrasse aquela linda cabecinha.

Ela ergueu as saias e correu atrás dele. — Há morcegos dentro de muitos dos túmulos, sabia? — ela disse. — Alguns do tamanho de pombos.

Ele olhou por cima do ombro e levantou uma sobrancelha em desafio. — Está com medo, Morden?

— É claro que não! Aprendi a lidar com todos os tipos de pragas irritantes espalhadas por aí. — Ela fez uma pausa significativa e esperava que ele entendesse o insulto. — Eu estava apenas preocupada com o senhor.

Ela o ouviu rir. — Não será a primeira vez que estaremos juntos em uma tumba, não é? E Paris? As catacumbas? Eu a salvei naquela ocasião também.

— Certamente que não. Eu sabia exatamente onde estava. O senhor me deu o maior susto da minha vida quando se aproximou, sorrateiramente, daquele jeito!

Ele riu novamente. — O momento está gravado em minha memória. A maneira como a senhorita se agarrou a mim com medo, basicamente pulando em meus braços...

— Que disparate!

— Seus seios estavam pressionados contra o meu peito. Seus braços estavam ao redor do meu pescoço...

— Se meus braços estavam em volta do seu pescoço, Tremayne, é porque eu estava tentando estrangulá-lo.

Hester fez o possível para ignorar o rubor desconfortável que aqueceu seu rosto e a explosão de desejo que atravessou seu corpo com a lembrança da cena. Ele estava fazendo troça dela. O homem vivia apenas para chocar as pessoas. Ele não poderia saber quantas vezes ela revivera aquele momento de estar em seus braços... embora temporariamente... desde então. Ou como ela estava obcecada com o único beijo glorioso e inesperado deles.

Eles chegaram no início da aldeia e começaram a abrir o caminho entre os mausoléus de tijolos de barro abobadados e as paredes arruinadas do antigo assentamento que cobria a encosta. Hester já havia explorado a área em várias ocasiões, embora nunca tivesse feito mais do que espiar as entradas das muitas covas e necrópoles. Uma capela que ela descobriu estava quase intacta,

com os mais belos desenhos decorando as paredes. Seu tio Jasper, pensara que remontava ao reinado do governante persa Dario I.

Tremayne saltou atleticamente entre os enormes blocos de pedra caídos. Os restos de algum tipo de templo: doze colunas de palmeiras com topos estilizados em forma de tulipa estavam em ângulos estranhos em meio aos escombros arenosos. Ele a olhou e ela, relutantemente, aceitou a mão estendida dele para escalar uma pedra particularmente grande.

A mão dele era muito maior do que a dela, com dedos longos e fortes, e ela soltou o mais rápido possível.

— Sei que desaprova que eu leve múmias para a Inglaterra — disse ele alegremente —, mas não é um fenômeno novo. O rei Charles II costumava recolher a poeira delas para usar em sua pele. Ele acreditava que a ‘grandeza’ passaria para ele.

— Que ridículo!

— Também ouvi falar de pessoas que os moía para curar todos os tipos de doenças.

Hester fez uma careta. — Ugh. Isso é quase tão ruim quanto os antigos egípcios. O senhor não acreditaria em algumas das coisas que eles usavam como remédio. Um saco de ossos de rato preso ao pescoço, por exemplo, era uma cura para quem urinava na cama.

Tremayne deu uma risada. — *Por favor*, use isso como um começo de conversa quando voltarmos à Inglaterra. Mal posso esperar para ver as reações de espanto das pessoas.

Hester o ignorou. — Os ingredientes eram frequentemente selecionados porque vinham de uma planta ou animal que tinha características que correspondiam aos sintomas do paciente. Então eles usariam um ovo de avestruz para o tratamento de um crânio quebrado, ou usariam um amuleto de um ouriço para proteger contra a calvície.

Ela fitou a parte de trás da cabeça perfeita de Tremayne. Ele não precisava de um amuleto de ouriço. Seu cabelo era grosso e escuro, com uma leve onda que sempre a fazia querer passar os dedos por ele. *Maldito seja*.

Limpando a garganta ela continuou. — Eles também tinham algumas noções muito estranhas sobre anatomia. O cérebro era considerado relativamente sem importância, como evidenciado pelo fato de que geralmente era descartado durante o processo de mumificação.

Ela torceu o nariz nas costas largas dele. — Na verdade, eles podem ter descoberto algo nele. Posso pensar em várias pessoas cujos cérebros poderiam ser removidos e não ser possível ver uma diferença perceptível.

Se Tremayne registrou seu insulto velado, ele não mordeu a isca. Apenas se abaixou dentro de uma das pequenas tumbas que recuavam para a encosta. Hester o seguiu, piscando enquanto seus olhos se ajustavam ao interior escuro.

A parede de trás da tumba foi construída no leito rochoso, e Harry sorriu ao avistar uma abertura na face rochosa, parcialmente coberta com uma tábua de

madeira. Ele moveu a madeira e descobriu um túnel escuro que parecia levar direto para a própria colina.

— Ha! — ele gritou triunfante. — Olhe para isso! Aposto que vai até uma câmara funerária de algum tipo. Vamos.

— Não seja ridículo. O senhor não pode entrar aí. Para começar, não temos luz.

Ele deu-lhe um olhar repreensivo, enfiou a mão na bolsa de couro pendurada no peito e puxou duas velas e uma caixa de pólvora. A pederneira acendeu quando ele acendeu as velas e entregou uma para ela com um sorriso.

— *Semper Paratus*. Esse é o lema da família Tremayne. Significa ‘Sempre preparado.’ Nós, Tremaynes, estamos prontos para qualquer coisa.

— O lema da família Morden é *Non Perdidit*.

— Nunca perdido — traduziu Tremayne. — Um excelente lema para uma família de cartógrafos. — O sorriso dele fez seu estômago tremer. — Vamos, vamos.

E antes que Hester pudesse discutir, ele se inclinou e começou a descer pela passagem escura e estreita.

Capítulo 4



Por falta de algo melhor para fazer, Hester praguejou baixinho enquanto o seguia. A luz das velas brilhava nas paredes ásperas do túnel ao passo que se inclinava gradualmente para baixo. O ar era frio, em contraste com o calor escaldante do lado de fora e levemente mofado. Depois de aproximadamente seis metros, Tremayne parou para tirar algumas pedras e outros detritos do caminho, mas uma vez feito isso, ele continuou andando e cantarolando uma cantiga, bastante desafinada, que fez Hester ranger os dentes.

O idiota estava se divertindo.

Hester fez o possível para ignorar a sensação esmagadora de saber que estavam cercados por centenas de toneladas de rocha que poderiam desmoronar sobre eles a qualquer momento. Ela estava achando difícil respirar no espaço sem ar. Seu peito estava apertado, e quando respirou fundo inalou o cheiro inebriante de Harry Tremayne.

Meu Deus, como ele cheirava bem. O leve toque de cedro e couro fez seu estômago enrolar. Por que não podia cheirar a suor e sujeira, como uma pessoa normal?

— Os antigos egípcios gostavam de montar armadilhas. — Ela alertou, sua voz ecoando estranhamente nas paredes estreitas.

— Verdade? Como o quê? — Sua voz estava mais ansiosa do que temerosa, o idiota.

— Pode haver outros poços onde possa cair ou pedras acionadas por fios que podem esmagá-lo. Se morrer, Tremayne, não pense que vou arrastar seu corpo mutilado para fora daqui. Vou pensar em alguma desculpa para contar à sua tia Agatha.

Sua risada divertida ecoou de volta para ela.

Depois de mais quinze metros, sua silhueta se endireitou e depois desapareceu. Hester correu para frente e emergiu em uma pequena câmara retangular que havia sido escavada na rocha sólida. Não era muito maior do que um armário ou um vestíbulo. Algumas pequenas alcovas e recessos haviam sido esculpidos nas paredes, mas quaisquer tesouros que já tivessem sido guardados ali, haviam desaparecido há muito tempo.

Ela levantou a vela e deu uma volta lenta ao redor da câmara. Cada parede estava coberta por uma série de belas pinturas egípcias, cujas cores ainda eram notavelmente brilhantes e bem preservadas. Ela respirou fundo admirada pelas figuras humanas estilizadas, plantas e animais que pareciam preencher todos os espaços disponíveis.

— Bem, isso já é alguma coisa. — Harry respirou.

Ele deu um passo à frente e olhou para a grande calha de pedra que ficava no centro da sala. Obviamente já teve uma tampa, mas os restos estilizados dela, estavam espalhados no chão.

— Está vazio — ele suspirou. — Se havia uma múmia aqui, ela já se foi há muito tempo.

— Provavelmente é uma coisa boa — disse Hester. — Sem dúvida, teria sido amaldiçoado. Os antigos egípcios estavam sempre amaldiçoando as coisas. — Ela gesticulou para as linhas de escrita que decoravam todos os quatro lados do sarcófago. — Isso provavelmente quer dizer algo como: ‘Maldito seja aquele que move meu corpo. A ele virão fogo, água e pestilência. Seu fígado será comido por um crocodilo. Seu pescoço será torcido como o de um pássaro. Seu nome deixará de existir.’

Harry fez um som depreciativo. — Ha. Maldições não existem. O homem faz sua própria sorte. Descobri isso nas guerras. Lembre-se, isso mostra o quão pouco criativos nós britânicos somos quando se trata de insultos. Tudo o que fazemos é zombar do corte do casaco de um homem ou menosprezar sua irmã. Vou memorizar alguns desses, para usar quando voltar para casa.

Hester revirou os olhos. — Bem, se o senhor está satisfeito que não há mais nada para roubar aqui, podemos voltar?

— Roubar?! — Harry protestou. — Eu nunca roubo!

— Ah, verdade? E aquela vez em Veneza quando o senhor roubou a gôndola daquelas freiras?

Ele arqueou as sobancelhas. — Prefiro o termo *assumiu o controle*. Ou *pegou emprestado*. Peguei aquela gôndola *emprestada*. E em minha defesa, eu não fazia ideia de que elas eram realmente freiras.

— Os hábitos não eram pista suficiente? E os terços?

— Era carnaval. Achei que estavam usando trajes de fantasia.

— Bem, elas não estavam. Provavelmente pediram ao Papa para excomungá-lo.

— Não é a pior coisa que já fiz. — Harry encolheu os ombros. — E a senhorita chegou em casa em segurança naquela noite, não foi? Eu a estava poupando das atenções daquele conde viscoso, seja qual for o nome dele.

— Conde Trastevere. — Hester fungou. — E ele era encantador.

— Ele era um caçador de fortunas sem nenhum escrúpulo — disse Harry sem rodeios. — Eu estava a ajudando, como amigo.

Hester sorriu, mostrando os dentes em um sorriso que mais parecia um rosnado. — Ora, *obrigada*, Tremayne. Mas não me lembro de pedir sua interferência.

Ele deu de ombros novamente, nada impressionado com o sarcasmo ou a ira dela. — Por nada.

Ela se virou para o túnel, bufando frustrada. — O senhor é *tão* irritante. Espero que seu camelo o morda. Espero que seja comido por flebotomíneos. Espero que um escorpião passe a residir em suas roupas íntimas.

— Agora, isso sim é maldade.

Uma risada sem humor escapou-lhe quando ela começou a voltar ao longo da passagem. Ela podia senti-lo seguindo atrás dela e, instantaneamente, desejou ter permitido que ele fosse primeiro, para que ele não tivesse uma

visão de suas nádegas.

— Não sei o que o senhor tem. — Ela disse surpresa. — Ninguém mais consegue me irritar tão profundamente. — Ela passou rapidamente sobre um monte de entulho.

— A senhorita já se perguntou o porquê disso?

— O porquê do quê?

— O porquê de eu ser o único homem que tem esse efeito na senhorita. A vi lidar com imbecis em Londres com a maior calma. A senhorita faz os tolos sofrerem com um sorriso no rosto. Mas e quanto a mim? Eu a enlouqueço.

Ele parecia insuportavelmente contente.

— Suponho que tenha alguma teoria extremamente interessante? — Hester respondeu de volta ao longo do túnel. Ela podia ver o fraco retângulo de luz à frente. Quase lá.

— Eu tenho, na verdade.

— Estou ansiosa para ouvi-la — disse ela de forma sarcástica.

— É porque a senhorita tem sentimentos por mim.

Ela quase derrubou a vela. — Decerto que não!

— Acredito que tenha, caso contrário, não teria problemas em me ignorar, como faz com todos os outros, ou dialogar racionalmente comigo. Mas eu a incomodo, a irrito. *Eu*, apenas eu, a enlouqueço.

Hester saiu do túnel para o minúsculo mausoléu e se endireitou. Ela apagou a vela e se virou para encarar Tremayne quando ele também deixou o poço. — O senhor é, insuportavelmente, presunçoso.

— E estou certo. — Ele acrescentou alegremente. Apagando a vela que segurava, os guiou até as sombras e deu um passo em sua direção. De repente, o local que já era pequeno, pareceu ainda menor. Hester podia sentir seu coração disparando loucamente contra suas costelas.

Harry arqueou as sobrancelhas a desafiando de forma zombeteira. — Admita. A senhorita gosta de mim. E ainda digo mais, acredito que me *deseja*.

— Desejo? O senhor? Ohh! Certamente está se iludindo...

Ele se aproximou ainda mais, e um sorriso zombeteiro curvou o canto de seus lábios.

— Vamos testar minha teoria, sim? Se, como afirma, eu não tiver nenhum efeito sobre a senhorita, então deveria beijá-la e não obter nenhuma resposta, exceto repulsa. Ou desinteresse.

Hester mal conseguia respirar. Que jogo ele estava fazendo agora? Por que ele a estava provocando daquela maneira? Ela deveria confrontar o sujeito. Deveria beijá-lo e permanecer tão imóvel quanto uma estátua, tão imóvel quanto uma das esculturas que adornavam os templos junto ao Nilo.

Mas então ela se lembrou da última vez que ele a beijou, dois anos atrás, e toda a esperança de permanecer indiferente desapareceu. Só de pensar naquilo fez seu estômago dar um pulo excitado. Se ele a beijassem agora, ela se envergonharia ao corresponder. Não significaria nada para ele, é claro. Seria um jogo, uma provocação. Mas significaria tudo para ela. Ele nunca poderia

saber o quanto o queria.

— Beije-me — ele murmurou.

Harry se inclinou, mas ela virou a cabeça para que os lábios dele apenas roçassem sua bochecha. Mesmo *esse* breve contato, foi suficiente para fazer seu pulso acelerar e suas pernas tremerem. Ela recuou com o que esperava parecer ter sido uma risada despretensiosa.

— Vou beijá-lo no dia em que chover no deserto, Harry Tremayne. Ou seja, nunca.

Ela se virou e escapou para o calor da tarde. O sol ofuscando seus olhos.

Tremayne a seguiu. Ele olhou para o céu azul sem nuvens e sorriu. — Irei cobrá-la disso.

Hester o olhou de forma presunçosa. — Não chove aqui há mais de cem anos. Precisaria de um milagre.

E virou-se para voltar a descer a colina, mas o brilho de algo metálico na areia chamou sua atenção. Ela a cutucou com a ponta da bota, e o brilho prateado reluziu ao sol. Abaixou-se para examinar mais a fundo.

— O que encontrou?

— Não tenho certeza.

Ela tentou pegá-lo, depois puxou a mão rapidamente quando seus dedos tocaram o metal reluzente. Estava queimando... presumivelmente por estar exposto ao sol o dia todo. Mais cautelosamente, afastou a areia, expondo o objeto. Uma pedra vermelha brilhou, como uma pequena gota de sangue, e para seu espanto uma corrente, seguida por algum tipo de pingente, emergiu da areia.

Hester olhou para ele, seu coração acelerado. A coisa era, sem dúvida, antiga, embora ela não tivesse certeza de como sabia disso. O design era estranhamente sedutor.

Ela retirou o objeto totalmente da areia. O pingente tinha a forma de um escorpião, segurando a corrente de prata em suas garras. Um grande rubi de cabochão estava colocado no centro de suas costas, e pedras menores brilhavam ao longo da curva delgada de sua cauda. Era extremamente realista, quase em tamanho real, e Hester se arrepiou com uma repulsa fascinada. As seções prateadas reticuladas do corpo e da cauda permitiam que ele se movesse, ondulando sinuosamente com o leve tremor de sua mão.

Parecia ridículo pensar em uma joia como *ameaçadora*, mas por algum motivo a descrição se encaixava. Ela se sacudiu mentalmente e se levantou.

— Deus do céu, veja só isso.

Capítulo 5



Tremayne deu um assobio baixo e impressionado. — A senhorita tem uma sorte dos diabos, Morden. Deixe-me ver.

Hester ergueu o colar para inspeção. Sem pensar, desabotoou o fecho, levantou até o pescoço e o colocou. Era surpreendentemente pesado. A gola alta de seu vestido de algodão impedia que o metal quente tocasse sua pele, mas ela podia sentir o peso do pingente pressionando contra ela.

Tremayne levantou um dedo e traçou a corrente em sua clavícula. Sua respiração ficou presa na garganta. Ele alcançou o pingente e fez uma pausa, e Hester tinha certeza de que ele deveria ser capaz de sentir o trovão revelador de seu coração, através da prata. Focado na sua tarefa, ele seguiu a forma do corpo do escorpião para baixo... e mais abaixo... achatando a cauda da criatura contra seu esterno. A ponta dela, o ferrão, desenrolou, aninhando perfeitamente no vale no alto de seus seios.

A pele de Hester queimou. Uma onda de alguma emoção forte, raiva ou paixão, atravessou suas veias.

— Lindo — Harry sussurrou.

Ele ergueu os olhos para os dela e, por uma fração de segundo, ela vislumbrou uma profundidade de sentimento que era chocante em sua intensidade. Era angústia? *Desejo*? Seu olhar penetrou no dela, direto e levemente desafiador. Ele abriu os lábios como se quisesse falar, e Hester se inclinou para ele, desesperada para ouvir o que estava prestes a dizer, mas um cachorro latiu ao longe, e o momento peculiar foi interrompido.

Ele piscou como se estivesse saindo de um transe, abaixou a mão e deu um passo para trás.

— Combina com a senhorita. — Ele pigarreou e enviou-lhe um sorriso descontraído. — Isso prova a injustiça total da vida. Eu notei isso durante as guerras. Homens corajosos e decentes foram feitos em pedaços, enquanto outros... idiotas covardes e indignos... escaparam das balas diversas vezes. — Ele apontou para o colar. — Este é outro exemplo. O universo joga um artefato ridiculamente valioso no caminho da única mulher em um raio de cem quilômetros que não precisa do dinheiro.

Hester tirou o colar com uma profunda sensação de alívio, como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros. Ela o colocou com cuidado no bolso de sua saia.

— O que fará com isso? — Harry perguntou casualmente. — Se vendê-lo, decerto tenho que ter parte em metade dos lucros.

Ela deu uma risada sufocada. — E como isso se deve, se não se importar com a pergunta?

— A senhorita nunca viria aqui se não fosse por mim. Admita.

Isso era, sem dúvida, verdade.

— Se me der metade do dinheiro — ele persuadiu —, não precisarei vender nenhuma múmia. Aposto que Henry Salt ou o Museu Britânico pagariam muito bem para adicioná-lo às suas coleções.

Hester balançou a cabeça. — O senhor é um chacal. Isso deve ficar no Egito. Faz parte do patrimônio do país. Vou entregá-lo nas mãos do Bei. Ele me disse que tem planos de abrir um tipo de museu nacional.

Tremayne deu um suspiro desapontado. — Terei que procurar algumas múmias, então. — Ele riu da carranca dela quando passou por ela e começou a descer a encosta. — A senhorita não tem o direito de parecer tão desaprovadora. Sou apenas o segundo filho. Eu saí um pouco tarde demais para me tornar um médico ou tutor. E duvido que permitam que eu me junte ao clero... lembra das freiras venezianas?

— É para isso que serve o mercado de casamentos — disse Hester levemente, ignorando a pontada que perfurou seu coração. — O senhor precisa encontrar uma herdeira rica que seja dócil e simpática. Alguma coisa doce e obediente, que cobiça a ilustre ascendência Tremayne.

Ele lhe enviou um sorriso torto. — Tentei isso. A última herdeira que pedi em casamento me recusou.

Ela tentou não estremecer.

— Era a senhorita, a propósito — ele acrescentou desnecessariamente.

Como se ela precisasse de esclarecimentos. — Dificilmente sou o tipo de dama que os cavalheiros brigam para ganhar — disse ela, sarcástica. — Não sou nada parecida com as mulheres elegantes e sofisticadas da *ton*. Eu tenho sardas...

— É sapecada do sol — ele emendou.

— Meu cabelo desbotou devido ao sol...

— Ele é dourado. Cor de mel e cobre.

— Oh.

Hester gaguejou e parou de falar. Tremayne sempre conseguia fazer isso com ela, deixá-la confusa e com a língua presa. Ele flertava sem esforço, era-lhe tão natural quanto respirar. Provavelmente flertava com um burro quando não havia outras fêmeas por perto. E, no entanto, ele parecia gostar... apreciar até... de todas as qualidades que ela mesma não gostava. Ele era um homem, singularmente, incomum.

Por que nunca se casara? Certamente era um bom partido. Um Adônis alto, moreno, bonito e com um título. Também era engraçado, gentil e incrivelmente atraente. Qualquer mulher estaria desesperada para tê-lo.

Hester olhou para seu perfil. Era como olhar para uma das estátuas dos grandes faraós, todas linhas retas e ângulos masculinos atraentes. Ela se perguntou como ele ficaria apenas com uma tanga plissada, peito nu, e um rubor quente aqueceu sua pele.

Ele poderia ser tão autocrático quanto um faraó também, ela se lembrou severamente. Adorava mandar nas pessoas, fazer com que todos saltassem para cumprir suas ordens.

— Não terá nenhum problema em encontrar um marido quando voltarmos à Inglaterra — disse ele abruptamente. — Com sua fortuna, inúmeros cavalheiros estarão dispostos a ignorar sua pele bronzeada, nada comum, e sua inteligência ainda mais incomum.

— Quem disse que eu quero um marido? — Hester disse irritada. — Para que eles servem?

Harry deu sorriso perverso. — Oh, ousou dizer que eles têm seus usos aqui e ali.

Ela se recusou a morder a isca. Ele estava, presumivelmente, se referindo a um marido que prestava serviços amorosos, mas ela tinha ciência de que as pessoas não precisavam ser casadas para *isso*. As concubinas do Bei foram muito instrutivas sobre o assunto.

— Na verdade, pensando bem, a senhorita não precisa de um marido — disse ele. — A senhorita precisa de um guardião. Como os animais selvagens do zoológico. Alguém para afastá-la...

— Pare! — Hester resmungou. — Fique onde está, Tremayne.

Felizmente, ele fez o que lhe foi dito. Congelou, assim como ela, e acompanhou o seu olhar para ver o que chamava sua atenção.

Uma cobra, da cor marrom escura como as areias do deserto, se movia de um lado para o outro em um bloco de arenito a uma distância impressionante de seu pé. Sua cabeça estava estendida. Um som ameaçador deixou sua boca com presas.

— Não se mexa — Hester sussurrou urgente.

— Ela pode me morder mesmo com a bota? — Harry sussurrou de volta.

— Quer realmente descobrir?

Com uma lentidão quase imperceptível, ela estendeu a mão em direção a um pedaço solto de alvenaria do tamanho de um punho. O movimento chamou a atenção da cobra. O animal afastou-se de Tremayne, exatamente como ela pretendia, e fixou seu olhar malévolo nela. Rápida como a luz, ela agarrou a pedra e a arremessou na cobra.

A cobra pareceu pular no ar quando o fragmento atingiu seu corpo. Fez uma curva relâmpago e desapareceu no espaço entre os dois blocos.

Hester soltou um suspiro aliviado e lançou a Tremayne um olhar, excessivamente, confiante.

— Belo arremesso — ele respirou com admiração genuína.

Ela decidiu que não havia necessidade de revelar o quão surpresa estava com sua precisão incomum. Era como se tivesse sido agraciada com poderes sobrenaturais.

Hester ergueu as sobrancelhas. — Estava dizendo algo sobre eu precisar de um guardião? Como pode ver, não preciso da proteção de homem *nenhum*.

— Retiro tudo que eu disse — disse ele com uma risada. — A senhorita é uma virago totalmente independente, que bate em serpentes. Venha, vamos tomar uma xícara de chá.

— Estamos sem chá, há cerca de seis meses — disse Hester, correndo atrás

dele. — Há apenas o chá de hortelã que os moradores locais bebem.

Aquilo era uma das coisas das quais ela sentia falta da Inglaterra: não o clima chuvoso, mas o chá preto com leite e uma colher decente de açúcar.

Eles chegaram à clareira com o poço dela e o cavalo dele. Tremayne tirou os bagageiros do burro, desamarrou os dois animais e olhou ao redor. — Então, onde montou o acampamento?

Hester o conduziu pelos fundos de um templo parcialmente arruinado, até onde ela e Suleiman armaram suas tendas e sorriu ao ver o material listrado colorido.

Seu tio Jasper não acreditava em viajar com pouca coisa. Ele era inclinado a manter seus confortos, mesmo quando viajava para longe de casa e seus “itens essenciais” incluíam, um serviço de chá Meissen completo, uma cama dobrável estilo campanha com lençol de seda, uma escrivaninha portátil e inúmeros tapetes de lã para proteger os pés do solo arenoso e rochoso. Não eram os mesmos níveis de luxo da Grosvenor Square, mas não era totalmente desconfortável.

Tremayne não teve dificuldades em acender o fogo, e Hester tentou não se impressionar. Duvidava que o Harry Tremayne que ela conhecia há três anos fosse capaz de fazer isso. Ele vivia por prazer, não por praticidade. Agora era, indiscutivelmente, um soldado, mais velho e mais sábio, com uma competência à altura. Também era um pouco mais perverso, e as linhas adicionais ao redor de seus olhos e o toque de cinza em suas têmporas só aumentavam seu apelo profano. Este Harry Tremayne, era um homem, não mais um garoto.

Mas ainda assim não era o homem para ela.

Ele se curvou e remexeu em um dos alforjes. — Trouxe um presente para a senhorita. Direto da Inglaterra.

Hester aceitou com cautela e desamarrou a corda que prendia o papel pardo. O aroma a atingiu primeiro, inspirando profundamente, quase gritou de alegria.

— Oh, meu Deus! Chá preto? Obrigada!

Ela sorriu para ele com prazer genuíno. O olhar dele caiu para a sua boca, e ela experimentou uma sensação de contorção na barriga. Hester mordeu o lábio, e ele olhou para cima com uma expressão irônica.

— Por nada. Foi ideia da tia Agatha, na verdade.

— Bem, receio, mas não temos leite. A menos que queira leite de camelo?

— Não, obrigado.

Hester surpreendeu-se com a estranheza de tomar chá civilizadamente com Harry Tremayne no meio do deserto. Era bizarro, quase como um sonho, mas de alguma forma parecia totalmente natural. Como se ela sempre o tivesse imaginado ali com ela.

Franzindo a testa disse. — Estou ficando cada vez mais preocupada com Suleiman. É incomum, simplesmente desaparecer sem dizer uma palavra. E se ele estiver ferido? Ele pode ter caído em um poço funerário ou ter sido picado

por uma cobra ou um escorpião.

— Talvez devêssemos perguntar aos moradores locais?

— A maioria deles está cuidando de suas ovelhas nas colinas. Mas há um ancião da aldeia que pode saber onde ele está.

— Vamos vê-lo, então. E talvez ele também possa nos contar mais sobre esse colar.

Capítulo 6



O ancião da aldeia Fayium era um senhor de idade avançada e com algumas rugas no rosto da mesma textura e cor de uma tâmara madura. Hester e Tremayne entraram na sua cabana baixa e em ruínas e aceitaram um assento, onde se sentaram com as pernas cruzadas no chão.

O velho falava um pouco de inglês e francês, tendo servido por algum tempo como tradutor para o exército invasor de Napoleão, mas a clareza de seu discurso era dificultada pelo fato de que ele não tinha a maior parte de seus dentes. Com gestos hesitantes e uma boa dose de pantomima, eles finalmente deduziram que ninguém tinha visto Suleiman desde o início daquela tarde, quando ele deu água para Bahaba, o dromedário mal-humorado dela.

Quando Hester enfiou a mão no bolso e retirou o colar de escorpião, o velho respirou fundo. Seus dedos retorcidos tremeram quando ele estendeu a mão para tocá-lo, então pareceu mudar de ideia e puxou a mão para trás. Fez um gesto no ar, como que para afastar o mal.

— Onde ele a encontrou? — ele perguntou com urgência. — Aqui?

Hester franziu a testa. — O senhor quis dizer, ‘onde eu o encontrei?’

O velho deu de ombros, como se fosse a mesma coisa.

— No alto da colina, na areia do lado de fora de uma das tumbas. Pelos pilares tombados.

— Ah. Templo de Serqet.

— Serqet?

O velho olhou para o colar com uma estranha mistura de reverência e apreensão. — Deusa escorpião. Ela que para o ar.

— Quis dizer que ela era linda? — Tremayne perguntou. — De tirar o fôlego?

A risada do ancião era seca e rouca. — Não. Ela rouba o ar do corpo. Homens morrem.

— Oh, bem, isso é animador — Harry murmurou.

— Serqet tem poder sobre cobras e escorpiões. — O velho olhou para o pingente brilhante no colo de Hester como se esperasse que ele ganhasse vida. — Ele pode proteger de mordida ou enviar escorpião para punir. Na vida após a morte, ela dá o sopro de vida aos mortos merecedores. — Ele enviou um olhar intenso para Hester. — A senhorita viu outros sinais da deusa?

Ela franziu a testa. — Bem, vimos uma cobra. Eu joguei uma pedra nela.

O velho assentiu, aparentemente nada surpreso. — Presságio. Símbolo da realeza.

Tremayne parecia altamente cético. — Então este colar é velho? Valioso?

O velho o ignorou e olhou para Hester com olhos escuros e sérios. — A senhorita usou o colar? — Ele imitou colocando em volta do pescoço.

— Uh, sim. Eu o usei. Brevemente. Por quê?

Sua testa enrugada ficou ainda mais franzida. O olhar que ele enviou a ela foi ao mesmo tempo simpático e sombrio. — Então a maldição começou — ele sussurrou seriamente.

Um arrepio de apreensão eriçou os pelos da nuca de Hester, mas Tremayne não conseguiu conter seu bufo de descrença.

— Maldição? Que maldição?

O velho olhou para ele. — A maldição de Serqet. Está escrito na estrela de Ranthor.

Harry arqueou as sobrancelhas. — E que tipo de maldição é essa? A pessoa que usar o colar recebe os atributos de um escorpião? A capacidade de paralisar suas vítimas? Picar com uma precisão mortal? Ela tem uma cauda venenosa? — Ele se virou para Hester. — A senhorita não está amaldiçoada. Exceto com uma língua afiada e um temperamento obstinado, e esses atributos a senhorita já tinha.

O velho franziu a testa diante à sua irreverência. — Serqet foi uma deusa desprezada.

Harry deu uma risada baixa. — E ‘o inferno não tem fúria’, não é mesmo? Ah, acredite em mim, tenho muita experiência com a ira feminina.

— Claro que sim — disse Hester irritada. — Todos se perguntam por quem as viúvas e cantoras de ópera de Londres estão brigando na sua ausência.

Ele riu. — Elas já estão morrendo de saudade de mim, eu garanto. Mas eu estava pensando na tia Agatha, na verdade. Aquela mulher poderia fazer um dragão que cospe fogo se comportar. Irrite-a por sua conta e risco.

O velho ignorou a brincadeira e enviou a Hester um olhar carregado de importância.

— Serqet foi traída no amor. Sua amargura e raiva amaldiçoaram o que está segurando nas mãos agora.

Hester olhou para o colar. A prata e as pedras preciosas pareciam brilhar malevolamente nos finos raios de sol que perfuravam o interior escuro da cabana.

— O dom de Serqet tem um grande poder, o poder de destruir. O imperador francês, Bonaparte, soube disso. Quando ele veio para o Egito quinze anos atrás, seu maior desejo era encontrar... isso. Acreditava que o poder de Serqet tornaria seu ataque à Europa imparável. Enviou homens por toda parte, para todos os templos e túmulos, para procurá-lo. Eu fazia parte de uma dessas equipes, enviado para traduzir. Não tivemos sorte.

O rosto do ancião se dividiu em um sorriso desdentado. — E pensar que, durante todo esse tempo, ele estava aqui, na minha porta! — Ele balançou a cabeça com uma risada irônica, mas depois ficou sério mais uma vez. — Mas esse poder tem um preço. Todos os males do mundo cairão sobre a senhorita agora, a menos que a maldição seja quebrada.

Tremayne bufou. — Lady Morden não precisa de ajuda para atrair desastres. Ela é uma zona de perigo sozinha. Apenas algumas horas atrás, tive

que resgatá-la do fundo de um poço...

Hester lhe enviou um olhar ameaçador, e ele sabiamente deixou o restante de sua frase morrer.

— Como a maldição é desfeita? — ela perguntou urgentemente.

Os olhos escuros do velho brilharam. — Somente um amor mais forte do que o ódio que o preenche pode desfazer a maldição do escorpião. Um sacrifício de um coração verdadeiro.

Tremayne bateu as palmas das mãos nos joelhos e se levantou. — Coração verdadeiro. Sacrifício. Entendido. — Ele pegou o braço de Hester e praticamente a arrastou para que ficasse de pé. — Foi adorável falar com o senhor, mas é melhor irmos embora. Lady Morden está ansiosa para encontrar seu guarda-costas, entende. Bom dia.

Hester enviou ao velho um sorriso fraco de agradecimento quando Tremayne a arrastou pela porta.

Assim que chegaram do lado de fora, ele disse: — Que monte de bobagem. A senhorita não acreditou em nenhuma dessas maldições sem sentido, não é? Todos os males do mundo. Ha! — Ele apertou os olhos para o céu.

— O que está fazendo?

— Verificando se há perigo iminente. Uma tempestade de areia, talvez. Ou um raio. Se de repente foi dotada de poderes de destruição ainda maiores do que o normal, acredito que devo me proteger.

— O senhor não deveria zombar — Hester o repreendeu, colocando o colar de volta no bolso de suas saias. — Ele claramente acredita que a maldição é real.

Tremayne balançou a cabeça. — Deusas egípcias antigas? Maldições milenares? É inacreditável, como diria o velho Shakespeare. — Ele começou a descer a colina em direção ao acampamento e apontou para uma procissão de camelos e cavaleiros que estava entrando na aldeia. — Parece que temos companhia.

Hester reconheceu o italiano de cabelos escuros à frente do grupo e deu um gemido audível.

Harry a olhou. — A senhorita o conhece?

— Infelizmente, sim. Esse é Bernardino Drovetti, um caçador de tesouros que trabalha para os franceses. O cônsul britânico, Henry Salt, me avisou sobre ele. Os dois são rivais terríveis, cada um competindo para colocar as mãos nos artefatos mais interessantes. A reputação de Drovetti é bastante desagradável. Ele maltrata aqueles que trabalham em suas escavações arqueológicas. Eu não confio nele a ponto de mantê-lo por perto.

Eles observaram enquanto a procissão se aproximava. Drovetti usava um casaco solto de linho claro e uma camisa branca aberta no colarinho, exibindo uma quantidade alarmante de pelos do peito. Seu rosto estava, extremamente, bronzeado. Ele dirigiu o camelo em direção a eles, desmontou e ergueu o chapéu branco em saudação. Curvou-se sobre a mão de Hester e ignorou Harry completamente.

— *Signorina* Morden! — ele sorriu, mostrando dentes brancos brilhantes.
— Fico muito feliz por tê-la encontrado.

Ela precisou de muita força de vontade para não arrancar a mão da dele quando seus lábios tocaram a sua pele. Ela retirou a mão do seu aperto pegajoso. — Pensei que estivesse trabalhando em Tebas, Sr. Drovetti?

— Eu estava, minha querida. Eu estava. Mas meu bom amigo, *Signor* Salt, me mandou para procurá-la. Ele soube da morte de seu tio e estava muito preocupado que a *signorina* estivesse aqui sozinha.

Hester lhe enviou um sorriso educado. — Isso é muito gentil da sua parte, senhor, mas desnecessário. Não preciso de proteção. O guarda-costas do meu tio, Suleiman...

— Ele a abandonou. — Drovetti terminou com um prazer dramático. — Sim! Os moradores locais me falaram de sua deserção. Talvez após a morte de seu tio, ele não quisesse trabalhar para uma mulher? Ou talvez, seja simplesmente um covarde.

Hester enrijeceu. — Tenho certeza de que não é nenhuma dessas coisas. É muito incomum, Suleiman ir a qualquer lugar sem me dizer. Estou preocupada.

Drovetti encolheu os ombros. — Esqueça-o. Permita-me oferecer minha proteção de volta ao Cairo.

Harry deu um passo à frente, e Drovetti o olhou com antipatia instantânea.

— Ela não está sozinha. Tem a mim, um colega inglês. Não precisa da sua ajuda.

— E quem é o senhor?

— Harry Tremayne. Sou um amigo da família.

O italiano fez uma reverência rígida e formal. — Bernardino Drovetti. É um prazer conhecer um europeu nesta terra de infiéis. — Sua insinceridade era quase cômica.

A hostilidade masculina entre os dois homens fez Hester querer revirar os olhos. Realmente, eram como dois cães selvagens, brigando um contra o outro, por um pedaço de carne. O que fazia *dela* o pedaço de carne. Isso não era nada lisonjeiro.

Drovetti deu um passo para trás. — Devo montar acampamento antes de escurecer. Falaremos novamente, *Signorina* Morden.



Harry observou o recém-chegado ir embora. O cabelo preto do homem havia sido penteado para trás com algum tipo de óleo ou pomada. Ele parecia uma doninha untada. As mulheres provavelmente o achavam desesperadamente atraente, mas havia algo calculista em seus olhos pretos. Eles brilhavam com astúcia. Certamente Hester não seria enganada por um impostor?

Ele sempre foi um excelente juiz de caráter; a guerra o ensinou a avaliar um homem rapidamente, a discernir quem seria bom ter ao seu lado durante um conflito e quem daria as costas e fugiria no momento crítico. Drovetti, ele

tinha certeza, era o tipo de homem que se escondia sob uma pilha de corpos e se fingia de morto até que a luta acabasse.

— Espero que não se deixe enganar por essa exibição oleosa — disse ele.

Hester riu, e algo dentro dele diminuiu apenas uma fração. — Claro que não. Venha. Vamos jantar.

Capítulo 7



Drovetti reapareceu quando o sol estava se pondo em uma cor avermelhada atrás das montanhas. Harry o fitou sobre os pedaços de cordeiro que havia assado no fogo, mas o italiano não entendeu que não era bem-vindo. Caminhou decididamente pelas longas sombras direto para Hester, sua expressão curiosamente intensa.

— Ouvi dizer que descobriu algo interessante na areia hoje? — perguntou sem preâmbulo. — Um colar antigo. Permita-me vê-lo?

Harry se levantou e se aproximou de Hester, mas ela permaneceu sentada perto do fogo, aparentemente despreocupada. Ela enfiou a mão no bolso. O escorpião brilhou sedutoramente à luz do fogo.

Drovetti soltou um assobio longo e lento e seus olhos brilharam. — Que descoberta! — ele murmurou. — Bastante notável, minha querida. Reino Médio, talvez? — Um músculo fez tique-taque em sua mandíbula, e ele mal parecia ser capaz de conter sua excitação. — Esse tipo de objeto seria o destaque de qualquer coleção. Posso dar-lhe mil libras inglesas por ele.

Hester balançou a cabeça.

— Duas mil libras — ele acrescentou rapidamente.

Harry quase sorriu com a expressão pálida em seu rosto. Era uma com a qual ele estava intimamente familiarizado, ela estava decidida.

— Receio que não esteja à venda, Sr. Drovetti. Por qualquer preço. Vou levá-lo ao meu amigo, o Bei, para ser colocado no novo museu que ele está construindo.

O rosto do italiano mudou para uma expressão de desapontamento, mas ele pareceu aceitar a recusa de bom grato. — Ah, bem. Um sentimento nobre, minha querida. Mas me diga se mudar de ideia. Tenho um colecionador que ficaria muito feliz em obtê-lo.

Ele lançou a Harry um olhar desconfiado, como se o alertasse para se comportar da melhor maneira possível. Este lhe enviou um sorriso de escárnio em troca.

— Desejo-lhes uma boa-noite.

Harry soltou um bufo assim que Drovetti se foi. — Isso foi muito fácil. Viu a expressão no rosto dele? Pura avareza. Ele quer esse colar e fará qualquer coisa para obtê-lo, marque minhas palavras. Precisamos ficar de guarda.

Hester assentiu. — Temo que esteja certo. Ainda assim, prevenção vale por dois, como dizem.

Ele lhe lançou um olhar presunçoso. — Está pronta para admitir o quão feliz está por eu estar aqui?

— Nunca. Eu posso me cuidar sozinha, muito obrigada. Não sou tão boba a ponto de deixar o colar desprotegido para que ele possa roubá-lo. — Ela ergueu o colar e o colocou novamente no pescoço. — Pronto. Vai ser mais

difícil ele roubá-lo agora.

Ela se levantou, entrou em sua tenda e voltou com um grande tecido de linho. — Preciso me lavar. Toda aquela aventura em torno dos túmulos empoeirados me deixou imunda. Irei me lavar no oásis. O senhor pode ficar de vigia para que eu não seja perturbada.

Ela não esperou que Harry concordasse. Simplesmente desceu o caminho em direção à água. Harry praguejou baixinho. Atrevida e insolente. Ele não era seu servo, forçado a obedecer a todos os seus comandos.

E, no entanto, foi atrás dela.

À beira da água, ele descobriu um conjunto de degraus e um muro baixo construído para permitir fácil acesso. Ele olhou para a superfície escura com apreensão. — Não está preocupada com crocodilos?

— Não seja bobo. Não há crocodilos aqui. Apenas alguns peixes, e eles são inofensivos. Estou preocupada com a interferência humana. Normalmente Suleiman fica de guarda para mim, mas dessa vez o senhor terá que servir.

Hester deslizou atrás de uma grande tamareira e Harry ouviu o farfalhar sinistro das roupas sendo removidas. Ele sentiu um sobressalto de alarme. — Não vai entrar *inteiramente* na água, vai? Achei que fosse apenas lavar o rosto.

— É claro que vou. — Seu tom era impaciente. — Preciso de um banho. E, por mais rufião que seja, confio que seja cavalheiro o suficiente para me dar um pouco de privacidade e não espiar.

Harry bufou. A crença dela em sua força de vontade era claramente mais forte do que a dele. Era um homem saudável e de sangue quente. Ela realmente achava que ele poderia ficar de costas para a água o tempo todo, sabendo que ela estava nua, ou quase nua, bem ali ao lado dele? Honestamente, ela tentava a paciência de um santo, e ele certamente não estava nessa categoria.

— Aposto que seu precioso Suleiman espia — disse ele.

Mais farfalhar. Harry se esforçou muito para não imaginar qual peça de roupa ela estava removendo agora. O que ela estava vestindo sob aquela maldita camisa apertada que mostrava todas aquelas belas curvas? Um corset? Certamente não, estava muito quente para usar essas coisas. Espartilho? Ele a imaginou desamarrando a fita no ombro. Deslizando o algodão de sua chemise e revelando uma extensão cremosa de pele. Bonita, macia e docemente cheirosa.

Seu cérebro ficou um pouco confuso e ele reprimiu um gemido. Ele estava sem mulher há muito tempo.

— Duvido — disse Hester com naturalidade, interrompendo seu devaneio erótico. — O pobre homem é um eunuco. Suspeito que ele não esteja particularmente interessado em me ver, ou a qualquer mulher, nua.

Harry se contorceu em simpatia ao dizer: — Ainda assim ele é um homem, Hester. Como pode ser tão ingênua? Um homem aceitará *qualquer* desculpa para olhar para uma mulher nua, quer tenha ou não suas bol...

— Ah, silêncio! — ela repreendeu. — Já se virou de costas?

Harry exalou um suspiro forçado. — Sim.

Ele ouviu passos apressados e, em seguida, o respingo de água quando ela entrou no oásis. Cruzou os braços sobre o peito e revirou os olhos, rezando por paciência, para quaisquer deuses que pudessem estar ouvindo.

Claramente, eles decidiram puni-lo colocando uma mulher autoritária e espinhosa em sua vida. E para piorar, exacerbaram o agravamento, fazendo com que a desejasse. Ele rezou para que aquela paixão desaparecesse com o tempo, mas o sentimento não diminuiu. Na verdade, intensificou-se. Desejou e se desesperou por Lady Hester Morden em igual medida por anos.

Estava quase completamente escuro agora, as sombras estavam roxeadas e índigo. Mas uma lua impossivelmente grande e um punhado de estrelas, prateavam tudo em uma auréola pálida, e Harry rangeu os dentes tentando não pensar na maneira como os raios da lua destacariam a bochecha, os braços e as curvas deliciosas dos seios dela.

Ele nunca a tinha visto nua, é claro, mas imaginou diversas vezes. Gotas de água correriam umas atrás das outras sobre seus mamilos pontiagudos e desceriam a longa curvatura de sua coluna. Imaginou sua língua seguindo aquelas gotículas, lambendo a umidade da sua pele...

Suas calças ficaram desconfortavelmente apertadas. Ele se reajustou e se recusou a olhar. Não era um *voyeur*, não queria se satisfazer apenas observando. Não era um jovem atrevido. Era como Orfeu, Euridice seria arrastada de volta para o submundo se sequer olhasse para os lados. Ele cerrou os punhos contra a tentação.

Esta, certamente, era a tortura mais intensa já inventada. Se ele não tivesse se mostrado um maldito herói durante a guerra... e tinha uma gaveta cheia de medalhas em casa para provar... então definitivamente teria conseguido isso agora. Hester era como o oásis: um milagre bem-vindo, revigorante e belo. E estava sedento por um gostinho seu.

Por fim, ele a ouviu sair da água e voltar para trás da árvore para se vestir.

— O senhor gostaria de tomar um banho? — ela perguntou. — Prometo não olhar. — Havia uma risada provocadora em sua voz que o fez querer estrangulá-la.

Deveria desafiá-la. Ela provavelmente nunca tinha visto um homem nu antes. Conseguia imaginar o choque dela ao vê-lo em toda a sua glória e totalmente despertado. Provavelmente desmaiaria. Então, novamente, Hester nunca fazia o que era esperado. Provavelmente apenas o olharia, curiosa, e exigiria saber o que havia de errado com ele. Isso não seria interessante?

— Farei isso mais tarde — ele murmurou.

Estavam quase chegando à tenda, com ela reclamando do cabelo molhado, quando ele parou e se abaixou.

— Shh!

— Não me mande calar a boca, seu...

— Fique quieta! — ele sibilou.

Ele a olhou de lado. Sua boca havia parado em um O perfeito, e seus olhos se arregalaram quando ela finalmente percebeu o que ele tinha visto: a sombra de uma figura se esgueirando do lado de fora de sua tenda.

Harry a puxou atrás de um aglomerado de tamareiras.

— É Drovetti! — ela sussurrou indignada. — Ora, que diabo sorrateiro! Ele está tentando roubar meu colar!

Ela colocou a mão sobre o colar que estava usando, e Harry se perguntou se ela o havia tirado para tomar banho. A imagem mental que apareceu em sua cabeça... Hester, nua sob o luar, exceto pelo colar estranho e sobrenatural, como uma deusa egípcia irresistível, fez seu sangue disparar em suas veias.

Felizmente, ela não notou a desatenção dele. Fez uma careta quando Drovetti se abaixou sob o tecido da tenda e entrou. — O demônio! Bem, ele não vai encontrar nada lá.

Drovetti claramente chegou à mesma conclusão. Depois de alguns minutos, o intruso reapareceu e sumiu nas sombras.

— Duvido que ele volte esta noite — disse Harry —, mas por segurança, vou dormir ali. — Ele apontou para um ponto na frente da barraca dela, depois foi até o alforje e retirou o saco de dormir. Hester, para sua surpresa, não discutiu.

— Obrigada — disse ela. — Eu agradeço por isso. — Ela se abaixou dentro de sua tenda e quase imediatamente enfiou a cabeça para fora novamente. — Oh, não se esqueça de colocar as meias por cima das botas. Isso impede que as cobras e escorpiões entrem nelas. Boa noite.

Capítulo 8



Hester levou muito tempo para dormir. Estava ciente de que Tremayne dormia a menos de um metro de distância, embora do outro lado do tecido da tenda. Ela ficava tensa toda vez que o ouvia respirar, fungar ou se mexer.

Na verdade, ficou desapontada por ele não ter se virado nem uma vez enquanto ela estava tomando banho. Não teve coragem suficiente para ficar completamente nua, então manteve a chemise na água, mas presumiu que um patife impenitente como ele, tentaria pelo menos roubar um olhar.

Ela era de fato tão pouco atraente? Harry disse que os homens sempre faziam de tudo para verem mulheres nuas, mas foi capaz de resistir à tentação de vê-la, não foi?

Hester suspirou e deu um soco no travesseiro. Não que ela *quisesse* que ele olhasse para ela. Ainda assim, seria bom ser vista como uma mulher atraente pela primeira vez, em vez de uma intrometida irritante e de boa educação.

O sol mal havia nascido quando foi acordada por um dos meninos locais que estavam conversando com Harry com urgência. Ela vestiu sua camisa e saias e saiu da tenda.

— Tem certeza? — Harry perguntou.

O menino assentiu com veemência. — Sim. É o homem da senhorita, Suleiman, pedindo ajuda. Eu o ouvi.

— Onde? — Hester exigiu.

O menino apontou para as ruínas do forte romano na extremidade oposta do oásis. — Lá. A voz dele vem do chão.

Hester olhou para Harry. — Existem várias câmaras abaixo do solo e túneis para direcionar a água. Ele pode ter caído em uma delas.

Tremayne assentiu sombriamente. — Tudo bem, vamos.

Ele se levantou, e Hester o viu retirar duas pistolas de debaixo do saco de dormir, verificá-las e enfiá-las nas costas, no cóis de suas calças. Vestir seu casaco, calçar as botas, pendurar a bolsa de couro no corpo e partir na direção que o menino havia indicado.

Hester vestiu suas próprias meias e botas... depois de verificá-las em busca de escorpiões... e correu atrás dele. Estava sem fôlego quando o alcançou. As longas pernas dele, pareciam devorar o chão e ela teve que se apressar para acompanhar seu ritmo.

— Suleiman?! — ela gritou enquanto se aproximavam das ruínas. Pararam para ouvir e foram recompensados por um gemido fraco. — Ali. Ele parece ferido.

Eles escalaram uma parede na altura da cintura e dobraram a lateral, mas a figura que encontraram não era Suleiman, e sim Drovetti.

Hester ouviu Harry praguejar. Ele passou na frente dela, protegendo-a com o corpo, mas não antes que ela visse a pistola que o italiano havia apontado

para o peito de Harry.

— Bom dia! — Drovetti disse alegremente. — Lamento fazer isso, minha querida, mas devo insistir que me dê o colar. O Imperador Bonaparte o procura há muito tempo, sabe, desde que tomou conhecimento da lenda. Ele tem certeza de que é o seu destino.

— Napoleão está preso em segurança em Elba — disse Harry friamente. — Lutei por dois anos para me certificar disso.

Drovetti sorriu. — Não ouviu a notícia? O imperador escapou de sua prisão na ilha. Neste exato momento ele está marchando em direção a Paris para reunir suas tropas fiéis. Com o poder de Serqet, toda a Europa se curvará à sua glória. E será extremamente grato... e generoso... ao homem que lhe entregar o colar.

Hester deu um passo à frente e colocou a mão nas costas de Harry. Seus músculos saltaram com o toque dela, ficando tenso quando ela deslizou a mão para baixo e envolveu os dedos em volta da coronha de uma das pistolas.

— Não faça isso — disse ele lentamente. Ele balançou a cabeça em uma negação veemente, mas se era dirigido a ela ou a Drovetti, Hester não sabia.

Drovetti riu com uma alegria quase infantil, e Hester percebeu com um susto que ele estava louco.

— Ah, receio que devo fazer isso — disse ele alegremente. — *Signorina* Morden, por favor, não tente usar as pistolas que Tremayne tem nas costas. Não hesitarei em atirar nele, e na *signorina* — acrescentou ele suavemente —, se não fizerem exatamente o que eu disser. Agora, quero que pegue as pistolas e as coloque no chão. Lentamente.

Com um suspiro de derrota, Hester fez o que lhe foi pedido. Colocou as pistolas no chão e se levantou, ficando ao lado de Tremayne. Ele tentou empurrá-la para trás de novo, mas ela se manteve firme. Não permitiria que ele levasse um tiro que era destinado a ela.

— Perfeito. — Drovetti sorriu com aprovação. Ele apontou com o cano da pistola em direção à garganta dela. — Agora. O colar.

A raiva aqueceu seu sangue quando Hester começou a soltar a corrente. Para sua angústia, foi uma luta soltar o fecho, mas então, de repente, ele se soltou. — O senhor não passa de um ladrão infeliz — disse ela, mordaz. — Um trapaceiro e um canalha.

Drovetti deu de ombros. — Já me chamaram de coisas muito piores. Agora, jogue o colar para mim.

Hester ficou tentada a jogar o colar na cabeça dele, mas deve medo que disparasse a pistola e acertasse Tremayne. Jogou-o em um arco gracioso e Drovetti o pegou ordenadamente em sua mão livre e, o colocou no bolso interno do casaco.

Ele apontou para uma passagem na parede, com um portão de ferro aberto. — Para baixo, rápido.

Degraus de pedra desciam para a escuridão, e Hester estremeceu, mas obedeceu. Harry a seguiu, afastando-se de Drovetti até que os dois estivessem

vários metros abaixo dele. O italiano sorriu ao fechar o portão e o trancou com um cadeado.

— Veja como sou nobre — disse ele. — Não irei matá-los. Alguém da aldeia dará por sua falta eventualmente e virá procurá-los... embora não antes de eu estar bem longe daqui. Paguei generosamente àquele jovem para esquecer que a tinha visto. Pode levar um ou dois dias até que sintam sua falta. — Ele riu e tirou o chapéu. — *Arrivederci*.

Tremayne saltou em direção ao portão e sacudiu as barras assim que os passos de Drovetti não eram mais ouvidos, mas sem sucesso; o metal estava firmemente implantado na pedra e a parede estava em um estado de conservação excepcionalmente bom. Não havia nem espaço para subir por cima ou se espremer por baixo. Com um suspiro de frustração, ele se virou, sentou-se no degrau superior e apoiou os cotovelos nos joelhos. — Maldição.

Hester concordou silenciosamente. — O senhor realmente acha que Napoleão acredita no poder do colar?

Ele deu de ombros. — Não sei. Mesmo que não haja verdade na lenda, há poder em *acreditar* em algo. Se Bonaparte estiver convencido de que seu destino é vencer, isso lhe dará uma vantagem. A confiança pode fazer toda a diferença em uma batalha. — Ele passou a mão pelos cabelos. — Maldição. Espero que Drovetti tenha mentido sobre a fuga. Perdi dois anos da minha vida em guerra. Estou farto disso.

Hester olhou incerta para os degraus. — Para onde acha que essa escada vai?

Harry abriu a bolsa e retirou uma caixa de pólvora e uma vela. — Podemos muito bem descobrir. Não há como sair por aqui.

Os degraus desciam para mais baixo que o solo e se transformavam em uma adega semelhante a uma caverna de tamanho impressionante, cuja parte inferior estava cheia de água azul-turquesa clara. Uma pequena fresta de luz filtrada de algum lugar abaixo enviava reflexos ondulantes através das belas feições de Tremayne.

Hester olhou em volta com interesse. — Deve ser algum tipo de cisterna. — Sua voz ecoou pelos arcos abobadados do teto. — Os romanos construíram toda uma série de aquedutos subterrâneos por aqui para canalizar água para irrigação.

Tremayne deu-lhe um olhar divertido. — A senhorita parece ter passado um bom tempo em poços e cursos d'água esta semana, Lady Morden. Olhe pelo lado positivo, ao menos não está presa aqui sozinha, tem o prazer da minha encantadora companhia. — Ele olhou em volta, segurando a vela no alto. — É bastante pitoresco.

— Não é pitoresco. É molhado. E úmido. E provavelmente infestado de ratos.

— Ora, vamos. Olhe para aqueles adoráveis arcos góticos. — Tremayne mexeu as sobrancelhas. — Aqui temos uma abóbada de berço. — Ele apontou sobre a água. — E aquilo, ali, com uma cruz no centro, é uma abóbada de

aresta.

— Eu não me importo que tipo de abóbada é — disse Hester irritada. — Se chover, provavelmente morreremos afogados.

— A senhorita disse que nunca chove aqui — ele a lembrou. — Se isso acontecer, terá que me beijar.

Ela balançou a cabeça e franziu a testa quando ele lhe entregou a vela, sentou-se e começou a tirar as botas. — O que está fazendo?

— Há uma entrada ali embaixo. Debaixo da água. Vou verificar se é uma saída. — Ele colocou a bolsa de lado e tirou o casaco. Por um momento, ela se perguntou se ele também iria tirar a camisa, mas claramente decidiu-se contra isso, fazendo com que ela sentisse um momento irracional de irritação. Ele entrou na água límpida, nadou um pouco até o centro e depois mergulhou sob a superfície.

Hester prendeu a respiração enquanto o observava nadar em direção à seção mais clara. Pareceu ser extremamente fundo. Ela soltou um gemido de consternação quando ele desapareceu completamente. *Meu Deus, para aonde ele foi? Está se afogando lá embaixo? A abandonou?*

Momentos tensos depois, seu coração quase explodiu de alívio quando ele reapareceu. Sua cabeça quebrou a superfície e ele deu uma arfada profunda de ar. — É uma saída, com certeza. — Ele sorriu, enquanto flutuava na água. — Mas é bem fundo. Quão bem sabe nadar?

— Toleravelmente bem. Mas não tenho certeza se posso prender a respiração tanto quanto o senhor.

Ele nadou até onde ela estava, como um tritão encharcado. Sua camisa estava quase transparente. Aderiu-se e moldou-se ao seu peitoral e aos braços com uma precisão perturbadora, e Hester desviou o olhar, de repente se sentindo quente.

— A senhorita consegue — ele persuadiu. — Eu irei guiá-la.

Ela balançou a cabeça. — Por que o *senhor* não sai, vai até a aldeia e volta com uma maneira de abrir o portão? Posso ficar aqui esperando.

— Não temos tempo para isso. Eu serei amaldiçoado se deixar Drovetti se safar depois de roubar nosso colar.

— *Meu colar.*

— Ora, tudo bem, seu colar. Precisamos ir atrás dele o mais rápido possível.

Ela não poderia culpar a lógica daquilo. — Ora, está bem.

Seguindo Tremayne de volta pelos degraus, observou-o enquanto passava as botas, a bolsa e o casaco entre as barras do portão. Ele se virou e lançou um olhar de expectativa. — O que está esperando? Não pode nadar nessas saias. Tire-as.

Hester olhou para ele. Estava certo, é claro; o tecido extra ficaria encharcado e impossibilitaria que ela nadasse, mas a ideia de se despir até a camisola na frente dele, era mortificante.

Harry estendeu a mão para desamarrar o nó na parte da frente da camisa

dela, mas ela afastou suas mãos. — Eu posso fazer isso sem ajuda, obrigada!

Encolhendo os ombros ele deu-lhe um sorriso perverso. — Só estou tentando ser útil.

Ele desceu os degraus, presumivelmente para dar-lhe um pouco de privacidade, e com um grunhido de resignação, ela tirou facilmente as saias e a camisa. O ar quente girava em torno de suas pernas desnudas, expostas até o joelho por sua curta chemise de algodão, e olhou para baixo em desespero, para o item ridiculamente feminino.

Antes de ir para o Egito, ela comprara as mais belas roupas íntimas francesas... transparentes como a água e enfeitadas com rendas. Disse a si mesma que era mais prático, por causa do calor, mas experimentava uma emoção deliciosamente feminina, sempre que vestia o material. Nunca imaginou que alguém realmente a *veria* nelas.

Agora, enquanto o sol aquecia a pele descoberta em seus ombros e a curva de seus seios acima de seu espartilho curto, ela percebeu o quão imodestos eram. Ainda assim, Harry Tremayne, provavelmente nem pestanejaria. Ele sem dúvida tinha visto mulheres mais atraentes, vestidas com menos.

Hester desceu as escadas. Como esperado, Tremayne apenas a poupou um breve olhar antes de desviar os olhos. Ele já estava de volta à água, e ela entrou ao seu lado com um pequeno arrepio devido a temperatura mais baixa. Sua chemise inflou em volta de sua cintura, e ela a empurrou de volta para baixo, para proteger sua modéstia.

Ela o olhou de volta, seus olhos brilhando com malícia. — Está pronta para uma aventura? Há um túnel arqueado lá embaixo, muito curto, com uma grade de ferro como uma ponte levadiça. Precisa nadar abaixo dela... há uma lacuna de cerca de noventa centímetros. Apenas me siga.

Hester assentiu. Seu coração batia acelerado no peito. Tremayne respirou fundo e mergulhou abaixo da superfície, e ela fez o mesmo.

A água era incrivelmente clara. Chutando as pernas, ela o seguiu em direção ao feixe de luz. Os ouvidos, estalavam. Ele desapareceu sob o arco de pedra, e ela o viu se contorcer sob a grade de metal que havia descrito. Assim que passou, ele se virou e acenou para que ela o seguisse, estendendo a mão.

Os pulmões de Hester estavam começando a queimar. Ela agarrou as vigas de metal e começou a nadar sob elas, mas suas costas raspavam o metal contorcido, e sentiu o material de seu espartilho enroscar... e ficar preso. Um gemido involuntário escapou de sua boca, e ela expeliu um súbito lote de bolhas.

Arregalou os olhos e começou a se debater descontroladamente. Por Deus, ela estava presa e ficando sem ar. Nunca quis tanto respirar fundo, mas havia água, por toda parte e ela se afogaria se inalasse.

E então, de repente, Harry estava ao seu lado. As palmas das mãos dele seguraram as suas bochechas, mantendo a sua cabeça imóvel enquanto seus olhos se encontravam através da água límpida. Ele parecia calmo, determinado. Capaz. Antes que pudesse entender o que ele pretendia fazer,

Harry inclinou a cabeça e selou a boca na dela.

Seus lábios se separaram surpresos e, para seu espanto, ela o sentiu *soprar* ar para dentro de sua boca, empurrando o ar para seus pulmões. Era um sentimento muito peculiar. Ela inalou o que ele exalou, e o aperto insuportável em seu peito diminuiu.

O mundo se estabilizou. Afastando a boca ele enviou-lhe um aceno satisfeito, depois alcançou as suas costas e puxou seu espartilho. A peça se soltou com um solavanco repentino, e agarrando-lhe a mão ele bateu as pernas, impulsionando os dois para a superfície.

Emergiram ofegantes, sugando ar para seus pulmões. Harry soltou um grito selvagem de triunfo, e Hester começou a rir, ofegando e gaguejando em descrença.

Estavam a apenas seis metros da margem. Os dois se arrastaram para fora da água, para a praia arenosa e desabaram ofegantes, de costas sob as palmeiras balançantes. O peito de Hester subia e descia rapidamente, e virando a cabeça para o lado, encontrou Tremayne não muito melhor. Um sorriso abriu no seu rosto quando ele a olhou.

— Isso não conta como um beijo. — Ela murmurou instável.

Ele riu, depois tossiu e riu novamente. — Seu rosto! Nunca vi uma mulher tão surpresa. E é claro que isso não conta como um beijo. Quando beijo uma mulher, não quero que ela pense que está prestes a morrer. A menos que seja de prazer, é claro.

O olhar que ele lhe enviou era de pura malícia, e Hester sentiu um rubor tomar todo o seu corpo. Então lembrou-se, tardiamente, de que só usava sua chemise e espartilho. Uma chemise que, como a camisa de Tremayne, presumivelmente, havia ficado praticamente transparente.

Um olhar pelo corpo revelou seus piores medos. Suas pernas, estômago e até mesmo o vale entre suas coxas estavam claramente visíveis. Ela se sentou com um suspiro e cobriu os seios com as mãos.

Tremayne riu novamente de sua mortificação e se levantou, em seguida, oferecendo-lhe uma mão, que ela ignorou.

— Vamos, Morden. Não é como se eu nunca tivesse visto uma mulher nua antes. Prometo que não irei molestá-la. Vamos pegar nossas roupas.

Capítulo 9



Quando voltaram para a aldeia, descobriram que Drovetti já havia realmente partido. Os moradores relataram que ele havia tomado a trilha de volta para Alexandria.

Harry seguiu Hester até sua tenda e parou abruptamente, olhando horrorizado para seus pertences. — Meu Deus! De quanta bagagem precisa, mulher? — Ele caminhou até um baú contendo sua maleta de remédios e escrivaninha portátil e balançou a cabeça. — Quanto tempo levará para empacotar tudo isso?

— Algumas horas, talvez? Geralmente Suleiman me ajuda.

Ele gemeu. — Suponho que não consideraria deixar tudo aqui e...

— Está supondo corretamente. Não irei a lugar algum sem meus mapas, ou minhas roupas, ou qualquer um dos meus pertences. Esses gráficos são o trabalho da vida do tio Jasper. Eu não vou simplesmente...

— Drovetti já tem uma boa uma hora de vantagem sobre nós. Não temos chance de pegá-lo, a menos que saíamos agora.

— Sim, temos.

Harry ergueu uma sobrancelha cética. — Ah, de verdade? Como?

— Podemos pegar um atalho.

Ele afundou na beirada da cama dela e passou os dedos pelos cabelos. — Um atalho. — Ele repetiu secamente.

Hester vasculhou a pilha de papéis em sua mesa e encontrou o que procurava. — Sim. Drovetti está seguindo a antiga rota comercial pelo deserto. Não é um caminho muito direto. Ele serpenteia de um lado para o outro, mantendo-se em terreno mais baixo.

Desenrolando o mapa pediu que ele se aproximasse, e apontou com o dedo. — Tio Jasper e eu traçamos várias rotas de caravanas berberes que cortam as colinas. Se pegarmos uma delas, isso encurtará consideravelmente nossa jornada. Podemos alcançar Drovetti e pegar o colar antes que ele chegue a Alexandria.

Tremayne olhou para o papel e assentiu lentamente. — E tem certeza de que isso é preciso o suficiente para não nos percararmos? Os mapas que usávamos no exército sempre prometiam atalhos para algum lugar, e o que parecia um bom caminho de montanha geralmente acabava sendo uma trilha de cabra intransitável ou um riacho rochoso.

Hester deu-lhe um olhar ofendido. — Claro que tenho certeza. Este é o mapa mais atualizado, já produzido da região.

Harry deu um suspiro resignado. — Está certo, então. Vamos fazer as malas.

No final, levaram menos de uma hora para guardar tudo. Tremayne se mostrou surpreendentemente eficiente. Hester falou com um dos moradores e

providenciou que os itens maiores e não essenciais, como sua cama de campanha, escrivaninha, maleta, conjunto de chá, tapetes e vários baús de roupas fossem transportados para a casa de Sir Henry Salt, o cônsul britânico no Cairo.

Ela reteve apenas uma única muda de roupa, os prontuários de seu tio e sua maleta de remédios, que ela guardou ordenadamente em alforjes, na parte de trás de sua montaria.

Tremayne olhou para o animal com intensa antipatia.

— Um camelo? A senhorita deveria ser tão excêntrica? O que há de errado com um cavalo, pelo amor de Deus?

Hester deu um tapinha na bochecha lanosa de Bahaba. Ele tinha cílios ridiculamente longos, como uma dama.

— Este é Bahaba. Ele é incrivelmente teimoso e impossível de controlar, mas apesar de sua natureza irritante, gosto muito dele. É confiável. E não é um camelo, é um dromedário. Tem uma corcunda, veja. Os camelos têm duas.

Harry deu um tapinha no pescoço arqueado do seu cavalo, e o animal sacudiu a cabeça com orgulho e estremeceu sob a carícia. Seu pelo escuro tinha um brilho aveludado à luz do sol, e seus músculos se contraíam com impaciência contida. Hester tinha que admitir que o animal era muito mais atraente do que o velho e fedorento Bahaba.

— Este é Makeen — disse Harry, sua voz cheia de orgulho. — Disseram-me que isso significa ‘forte’. Ele é árabe: inteligente, espirituoso e rápido como o vento. — Ele coçou a testa do cavalo, entre seus olhos grandes e líquidos, e o animal demonstrou prazer. — Eu o comprei em Alexandria, e acho que não terei coragem de vendê-lo. Terei que encontrar uma maneira de levá-lo para a Inglaterra, não é, meu menino bonito?

O corpo de Hester formigou consciente enquanto imaginava as mãos fortes e sensíveis de Harry *acariciando-a* da maneira como ele acariciava o cavalo.

Ela se forçou a respirar. — Os beduínos certamente apreciam um bom cavalo. Eles têm um ditado: ‘Meus tesouros não fazem barulho de metal ou brilham. Eles brilham ao sol e relinham à noite.’ E quando eles presenteiam alguém com um cavalo, eles dizem: ‘Eu dou-vos voo sem asas.’

O sorriso de Harry fez seu coração perder uma batida. — Eu gostei, voo sem asas. Isso é muito apropriado.

Ele montou em um movimento ágil, que obviamente aperfeiçoou em mais de mil instâncias quando estava na Guarda a Cavalo, e partiram.



Caíram em um silêncio agradável enquanto Hester os conduzia para fora da aldeia e encontrava uma trilha quase imperceptível que levava às colinas. Harry teria pensado que não era nada mais do que uma trilha de cabras, mas ela parecia certa em suas posições, e ele tinha confiança suficiente em suas habilidades para permitir que ela liderasse.

Por enquanto.

Depois de um tempo, ela olhou de lado para ele. — O senhor cavalga muito

bem.

Harry lutou para não sorrir com o elogio relutante.

— Esteve na Guarda a Cavalos, não foi? — ela cutucou.

— Sim. Eu amo cavalos, então fazia sentido me juntar a um regimento de cavalaria. Foi um erro estúpido, em retrospectiva. Odiava vê-los sendo mortos.

Harry franziu a testa, surpreso por ter dito tal coisa. Nunca teria admitido essa fraqueza em Londres, mas era tão fácil conversar com Hester, e estavam no meio do nada. Manter a boca fechada parecia estranho.

Ele deu de ombros. — Aprendi a não me apegar muito a eles. Dessa forma, era menos doloroso quando perdia um. Alguns morreram de ferimentos de batalha, outros por não terem o suficiente para comer — ele olhou para frente, concentrando-se na trilha pedregosa que estavam seguindo.

— Tive um cavalo que foi baleado enquanto o montava em Badajoz. Ele caiu e me prendeu, e não consegui escapar. Os franceses vieram para acabar com os feridos, mas fui salvo quando a noite caiu. Consegui rastejar de volta até a minha própria tropa.

Ele notou o olhar de pena e preocupação no rosto dela e enviou-lhe um sorriso relaxante para aliviar o tom. — A senhorita também cavalga muito bem. Embora eu não consiga imaginá-la montando essa besta monstruosa em Rotten Row. Certamente daria às alcoviteiras da *ton*, palpitações.

Ele sorriu quando ela bufou divertida.

— Não tenho certeza se minha reputação se recuperaria do escândalo. Uma herdeira independente pode muito bem ser perdoada, mas montar um dromedário em Hyde Park pode ser ir longe demais. — Ela suspirou, como se a ideia de estar de volta a Londres a deprimisse. — Suponho que eu poderia aprender a conduzir uma carruagem de dois cavalos. Gosto de adquirir novas habilidades.

Harry olhou para o perfil dela, para a exuberante perfeição de seus lábios, e sua mente... naturalmente... se perguntou se ela estenderia esse entusiasmo para aprender novas experiências sexuais. Deus, as coisas que ele poderia mostrar-lhe.

Sua pele clara havia sido acariciada pelos raios do sol, e ele achou suas sardas ridículamente atraentes. Gostaria de lambê-las, como salpicos de canela em um pão açúcarado. Em Londres, ela seria condenada como uma pagã por ser bronzeada pelo sol, mas em comparação com as senhoritas delicadas e pálidas da *ton*, cuja pele era tão branca que era possível ver suas veias azuis sob a pele, Hester era uma deusa vibrante e beijada pelo sol.

Por que o sol seria o único a beijá-la? Os olhos de Harry percorreram a curva de sua mandíbula, a linha reta de seu nariz. Ela tinha aquela linda cor de pêssego por toda parte? Ou ela tinha áreas mais pálidas nos lugares que raramente viam o sol?

Ele reajustou sua posição na sela.

— Napoleão é um cavaleiro terrível, segundo todos os relatos — disse ele,

dando-se algo em que pensar além das suas mãos na pele dela. Sua voz continha uma aspereza reveladora, mas ele esperava que ela atribuísse aquilo a uma garganta ressecada, em vez de um caso terminal de luxúria. Ele deu um tapinha no pescoço de Makeen. — Ele também tinha um cavalo árabe, um cinza chamado Marengo.

— O senhor o viu?

— Algumas vezes, mas apenas de longe. Ele se debruçava na sela e nunca mantinha os calcanhares abaixados. Há rumores de que ele estava sempre caindo.

Hester franziu a testa. — Talvez se Drovetti lhe der o colar, ele será capaz de cavalgar tão bem como... — ela parou de repente, e Harry teve a nítida impressão de que estava prestes a dizer “tão bem como cavalga”, mas então decidiu que não queria lisonjeá-lo e alterou para — ...como se ele tivesse nascido na sela.

Eles entraram em um desfiladeiro e começaram a seguir um leito de rio rochoso em uma direção vagamente ao sul. Harry olhou para cima, para os imponentes penhascos de trinta metros que se erguiam de cada lado. Era absolutamente lindo. Não tinham avistado outra criatura viva na última hora, exceto algumas cabras, mas pelo menos tinham sombra.

Algumas aves de rapina que pareciam abutres voavam preguiçosamente nas correntes de ar quente acima deles, e ele se perguntou se era algum tipo de mau presságio. As aves o lembraram dos caçadores de fortunas em Londres que passeavam pelos salões de baile, circulando em direção à presa.

Hester, com sua fortuna, sempre esteve na mira. Ele teve dificuldade em afastá-los, sem que ela percebesse sua interferência. Não queria que ela se magoasse ou que fosse presa a um casamento com alguém que só queria seu dinheiro e não podia apreciar a mulher vibrante e obstinada que ele sabia que era.

Depois de mais ou menos um quilômetro, ela parou sua montaria e desenrolou seu precioso mapa. Apertou os olhos para o horizonte e depois recuou. — Não falta muito agora.

Harry não resistiu a provocá-la. — Admita. Estamos perdidos.

Ela mordeu a isca perfeitamente. Suas bochechas ficaram rosadas e seus olhos brilharam com temperamento.

— Não estamos perdidos.

— Está dizendo que os cartógrafos *nunca* se perdem? — ele pressionou. — Acho isso muito difícil de acreditar.

Ela lhe lançou um olhar exasperado. — Todo mundo se perde em algum momento de suas vidas, Tremayne. Mas eu geralmente não me perco *mais de uma vez*. — Ela inclinou a cabeça e depois lhe enviou um sorriso que fez seu coração bater forte no peito. — Na verdade, há algo muito bom em se perder às vezes, encontramos todo tipo de coisas excitantes. — Ela acenou o pergaminho para ele. — Afinal, o que é um mapa senão o potencial de uma aventura, uma chance de descobrir novos mundos? É a liberdade.

Ele decidiu discutir, apenas para ser contrário. — Um mapa é uma *mentira*. Pense nisso. Todo mapa é subjetivo, seleciona-se o que colocar nele. Apenas a informação que é essencial para cumprir seu propósito particular, está incluída... aqui em relação a ali. Não conta toda a história. É o mundo reduzido a pontos, linhas e texturas. — Ele balançou a cabeça, como se achasse que a visão dela do mundo fosse lamentavelmente insuficiente.

Como esperado, ela o olhou como se ele tivesse chutado um gatinho. Ele reprimiu um sorriso. O que não daria para ter toda aquela fúria em seus braços, em sua cama. Ele pigarreou e enviou a ela um sorriso que certamente a irritaria.

— Não é nada disso — disse ela. — Eu terei que estrangulá-lo.

Ele conteve uma risada. — Ah, é mesmo? E como se propõe a fazer isso? Sou maior que a senhorita. E mais forte. E muito mais versado em combate corpo a corpo.

Ela lhe enviou um sorriso sereno. — Oh, onde há vontade, há um jeito, Tremayne. Os deuses da justiça poética, certamente, me concederão a vitória.

Harry decidiu que seria um tolo não verificar suas meias em busca de escorpiões e arsênico em seu café quando parassem para acampar. Ele não duvidaria que ela pudesse envenená-lo, moça ingrata.

Ainda bem que ela não tinha ideia do poder que tinha sobre ele. Provavelmente a *deixaria* estrangulá-lo, mesmo que apenas para sentir aquelas mãos em sua pele. Levaria poucos segundos para prender as suas pernas atrás dos tornozelos dela e derrubá-la. Ela cairia no chão... ele amorteceria sua queda com seu corpo, é claro... e então ela estaria em seus braços, com aquelas curvas gloriosas, que ele vislumbrou sob suas roupas íntimas molhadas, pressionadas contra ele...

Ela estalou a língua e disse algo em árabe. O dromedário, Bahaba, abaixou até o chão, dobrando as pernas sob ele com um profundo resmungo de aborrecimento. Ela desmontou com muito mais graça do que Harry imaginava que conseguiria nas circunstâncias. Ele se abanou com o chapéu e tentou esfriar seus pensamentos errantes.

— Se minhas estimativas estiverem corretas — disse ela —, e garanto que estão, então devemos alcançar Drovetti logo pela manhã. Em breve estará muito escuro para continuarmos, no entanto, então sugiro que acampemos aqui esta noite. — Ela ergueu as sobrancelhas para ele em desafio flagrante. — A menos que tenha alguma objeção?

Harry balançou a cabeça e removeu a bota do estribo. — Nenhuma objeção, Lady Morden. Curvo-me ao seu conhecimento superior do terreno.

Ela lhe lançou um olhar desconfiado, como se não pudesse decidir se ele estava sendo sarcástico ou não, mas decidiu não discutir. Muitos homens de seu conhecimento, teriam relutado em deixar uma mulher assumir o comando, em qualquer situação, mas ele falou nada menos que a verdade. Ele não só confiava na competência dela, como a achava irresistivelmente atraente.

Capítulo 10



Hester não conseguia parar de olhar furtivamente para Harry do outro lado da fogueira, embora tentasse não o fazer. Com um surto de irritação direcionada a si mesma, ela pegou um punhado de pedras e começou a jogá-las, uma por uma, em direção a uma pedra maior que designou como alvo.

Ela estava inquieta e impaciente, e não sabia por quê. Não, isso era mentira: ela *sabia* o porquê. Era a presença do homem esparramado em um cobertor a sua frente no fogo, esticado de lado como um senador romano saciado, o cotovelo descansando sobre sua cintura, o corpo longo e esguio relaxado e, ainda assim, curiosamente alerta nas sombras cintilantes.

Eles armaram sua barraca de um lado do desfiladeiro rochoso e comeram uma seleção de alimentos frios que ela trouxera do oásis. Azeitonas e tâmaras, figos e mel. Os antigos egípcios comiam o mesmo em homenagem a Maat, a deusa da verdade e do equilíbrio, para se lembrar de que a verdade é doce.

Hester se forçou a ser sincera. Observar Harry comer foi um exercício de autocontrole. Os olhos dela foram constantemente atraídos para seus dedos bronzeados, para os lábios móveis enquanto ele colocava um pedaço em sua boca. Os músculos fascinantes que flexionavam ao lado de sua mandíbula quando ele mastigava. Os tendões do antebraço enquanto tomava um gole de água da algibeira.

O que havia de errado com ela? Já havia achado o homem atraente antes, no traje noturno formal dos salões de baile de Londres. Ele era devastador em seu paletó preto e gravata branca. Mas ela o achou ainda mais atraente ali, sob a luz das estrelas, despenteado, desabotoado e sensualmente desarrumado. Seus dedos coçaram desejando poder tocar a barba por fazer que começava a aparecer em suas bochechas. Seria macio ou espinhoso?

O resto de um poema declamado a ela por uma das esposas do Bei, atravessou sua mente, um eco de algum texto antigo.

“Homem do meu coração, meu amado homem,
seu fascínio é uma coisa doce, doce como mel.
Cativou-me,
de minha própria vontade eu irei até ti.”

Hester jogou outra pedra. Ela era patética. Desejando um homem que não a queria. Ele poderia ter se oferecido para se casar com ela há dois anos em Londres, mas isso só acontecera porque era a expectativa da sociedade. Ele agira de forma imprudente quando a beijou naquele baile, e por mais tentador que tenha sido dizer sim, ela sabia que apenas desgosto poderia vir de uma proposta tão precipitada.

Ele começaria a senti-la, a odiá-la por prendê-lo a um casamento sem amor... ou, pelo menos, unilateral... não a amava. Poderia achá-la divertida e

uma companheira tolerável, embora excêntrica, mas certamente não nutria sentimentos mais profundos por ela.

Era realista. Viu muitos exemplos de casamentos de conveniência na *ton*. Um acordo como esse, não era para ela. Teria partido seu coração ver Harry ter uma amante, poucos meses após o casamento.

Se ao menos ele não fosse a personificação de seu homem ideal.

Ela estava ciente de sua presença o tempo todo, seguro e confiante em sua montaria. Ele nunca tentava controlar sua montaria na base da força bruta, mas a impulsionava adiante com controle magistral, como os homens da tribo berbere do deserto. A imagem de suas mãos nas rédeas de couro fez as borboletas do seu estômago agitarem-se.

Era impossível não notar a maneira como suas calças delineavam seus quadris e coxas torneadas, as linhas salientes dos músculos claramente visíveis através do tecido. Ele era tão vital, tão estimulante. Só de estar perto dele fazia com que seu coração ficasse preso na garganta.

Isso era o que ela estava perdendo, percebeu. Seu tio Jasper tinha sido um companheiro de viagem maravilhoso, mas se sentia sozinha sem alguém da sua idade. Sentia falta de Harry e suas brincadeiras fáceis, seus sorrisos relaxados e suas provocações irritantes. Sentia-se mais viva quando ele estava nas proximidades.

Seu ânimo diminuiu. Por meses teve uma pequena sensação de insatisfação, uma sensação de que estava procurando por algo indescritível que continuava fugindo de suas mãos, não importava para onde olhasse, para o quanto longe viajasse.

Ela jogou a última pedra e errou o alvo. As pessoas esperavam que ela se casasse quando voltasse para a Inglaterra. Era muito irrealista esperar amizade, segurança e até amor de um casamento? Um parceiro com quem ter aventuras, não alguém que mal tolerasse sua presença?

Impaciente consigo mesma, Hester se levantou e procurou por mais pedras. Era difícil enxergar o chão além do brilho quente da luz do fogo, mas ela insistiu. Tinha acabado de pegar um punhado de pedras quando sentiu uma fígada aguda no tornozelo, logo acima da proteção de sua bota.

— Ai!

Saltando de lado, enxergou o movimento quando um escorpião se escondeu sob uma rocha próxima.

— Maldição. Eu fui picada!

Ela fez uma careta, furiosa consigo mesma por não ter prestado mais atenção. Meio que pulando, meio que cambaleando voltou para o tapete perto do fogo. — Nossa, como isso dói!

Tremayne se levantou com o grito dela e correu para ajudá-la a se sentar.

— O que foi? Uma cobra?

— Um escorpião. — Ela ofegou, apressando-se para desamarrar a bota. — Preciso remover isso antes que meu pé comece a inchar.

Com um som impaciente, ele afastou os dedos atrapalhados dela,

desamarrou os cadarços da bota e a arrancou.

— Que tipo de escorpião? — ele insistiu. — Conseguiu ver? Era preto ou marrom? Alguém me disse que os escuros são menos venenosos do que os de cor clara.

Hester estremeceu de dor. — Foi difícil ver no escuro. Mas acredito que era escuro.

Ele se inclinou e segurou o tornozelo dela, levantando um pouco as saias para expor a perna com meia.

— Uma picada de escorpião raramente é fatal para um adulto, Tremayne — disse ela sem fôlego. — Apenas dói. Como uma picada de abelha. Ou uma agulha quente perfurando a perna. — Ela tentou empurrar as saias para baixo, mas ele ignorou suas tentativas.

— Não queira ser recatada agora, Hester. Já vi picadas de escorpião antes. Um companheiro do meu regimento foi picado em Portugal. Precisamos extrair o veneno. Tire suas meias para que eu possa sugá-lo.

— Não fará nada disso! — O rubor que queimou suas bochechas não tinha nada a ver com os efeitos da picada e tudo a ver com o pensamento da boca de Harry Tremayne em qualquer parte do seu corpo... mesmo em um lugar tão inócuo quanto um tornozelo. — Tenho remédios na minha bolsa de sela. Pegue.

Harry deu-lhe um olhar de pura frustração, mas fez o que ela pediu. Vasculhou a bolsa de couro dela e retirou a caixa de remédios.

— A senhorita está muito pálida. — Uma carranca franziu sua testa quando ele abriu a caixa de couro. — Por Deus, são todos iguais. — Ele se forçou para ver melhor as garrafas menores. — Mal consigo ler os rótulos.

Hester conseguiu sorrir fracamente. — A caligrafia do tio Jasper nunca foi muito legível. Procure o que tiver escrito 'Xarope marrom'. É uma tintura de láudano. Deve aliviar um pouco a dor.

Harry inclinou as garrafas em direção à luz do fogo, selecionou uma e retirou a rolha. Ela tomou um gole grande e afundou contra o saco de dormir com um suspiro.

A dor em sua panturrilha era uma pulsação aguda, e estava se sentindo enjoada e trêmula. Ela respirou fundo. Felizmente, a tintura começou a funcionar quase que imediatamente. Uma maravilhosa sensação de calma tomou conta dela, e a dor diminuiu, consideravelmente. Sentiu-se aquecida e lânguida, quase sonolenta.

Ela franziu a testa. Já havia tomado esse remédio antes, quando caiu de Bahaba e machucou o traseiro. Não se lembrava de se sentir tão... relaxada. Ergueu a garrafa que Harry lhe dera e tentou decifrar o rabisco execrável de seu tio Jasper.

— Minha nossa!

Tremayne olhou para ela bruscamente. — O que foi? Qual é o problema? — Ele colocou a palma da mão na testa dela e afastou o cabelo do seu rosto.

As feições dele estavam borradas na visão dela. Hester acenou com a

garrafa em sua direção e tentou evocar um sentimento adequado de indignação. — Tremayne, seu grande idiota! Deu-me o remédio errado!

Capítulo 11



Harry franziu a testa, alarmado. — O que quer dizer com “o remédio errado”? — Ele pegou a garrafa da mão resistente dela. — A senhorita disse: xarope marrom.

— Exatamente! Este é o Lírio Azul do Nilo!

Ele se sentou sobre seus tornozelos. — Oh, inferno. O que o Lírio Azul do Nilo faz?

— O médico do Bei deu isso ao tio Jasper. Ele disse que era principalmente um analgésico...

Harry soltou um suspiro aliviado. — Isso é bom então...

— Definitivamente está funcionando. Meu tornozelo não dói tanto agora.

— Suas pálpebras começaram a fechar.

— Não está desmaiando, está? Não suporto mulheres que desmaiam.

Ela soltou uma risada suave. — Não, eu estou bem. Estou apenas com sono.

Sua voz havia adquirido uma característica sonhadora, um pouco arrastada, como se ela estivesse bêbada. Harry franziu a testa. — Bem, então. Sem danos causados.

— A menos que eu experimente os outros efeitos colaterais que o médico mencionou. — Ela murmurou.

Uma súbita onda de alarme o atingiu. — Quais outros efeitos?

Ela acenou com a mão na frente do seu próprio rosto e quase se golpeou no nariz. — Não é nada. De verdade.

Harry apertou os olhos para ela. As bochechas dela adquiriram um delicado tom de rosa.

— Está corando, Morden?

— É claro que não.

— Quais outros efeitos?

Hester soltou um bufo e revirou os olhos. — Como se comportar de forma... amorosa.

As sobrancelhas dele arquearam, surpreso. — Está me dizendo que é uma *poção do amor*? — Ele tentou segurar a gargalhada e falhou. — Eu lhe dei a poção do amor do tio Jasper? Ah, isso não tem preço.

Ela virou o rosto, mas ele segurou seu queixo e forçou seu olhar de volta para o dele. Suas pupilas estavam como piscinas escuras, quase encobrindo a cor de sua íris.

— Olhe para mim, Hester. Está se sentindo amorosa comigo?

Afastando sua mão ela disse. — Pare de me provocar. Não vai funcionar comigo. Eu nem aprecio o senhor.

Ele riu, mas ela continuou olhando para ele, estudando seu rosto com uma intensidade repentina. E então estendeu a mão e traçou a linha da sua

mandíbula, arrastando os dedos da orelha até o queixo e sobre os lábios dele.

Harry estava surpreso demais para se mover. Ela nunca o tocou de bom grado, *nunca*, mas a poção parecia ter diminuído suas inibições. Sua carícia deixando uma sensação de formigamento por onde ela tocou.

— O senhor *é* extremamente bonito — ela murmurou. — Isso eu admito.

— Uhm, obrigado? — Ele disse fracamente.

— As mulheres do harém estariam se jogando em cima do senhor.

Antes que ele pudesse encontrar uma resposta adequada para isso, uma carranca marcou sua testa lisa.

— Estou surpresa que não tenha tentado se livrar de mim, vendendo-me para o harém mais próximo.

Ele lutou para manter o tom leve, mesmo que o toque dela estivesse fazendo coisas engraçadas em seu interior. — Acredite em mim, estive tentado.

Hester parecia ter esquecido que o estava tocando... brincava com um cacho de cabelo próximo a orelha dele agora..., mas Harry estava ciente do seu toque. Seu corpo endureceu ao ponto de dor. Ele limpou a garganta.

— Duvido que alguém iria querê-la. Mesmo que eu oferecesse alguns camelos e um bom tapete Hamadan. A senhorita dá trabalho demais, eles diriam. E, por Deus, estariam certos.

Ela lhe torceu o nariz. — Em alguns lugares — disse ela com um toque de aspereza. —, aqui sendo um deles, sou considerada atraente. Minha pele clara e cabelo castanho claro são uma novidade. — Ela apontou para a ponte do nariz, quase se cutucando no olho no processo. A poção afetou claramente sua coordenação.

— Eles nunca viram sardas assim antes. Na Inglaterra, posso ser desprezada e deixada de lado nos salões de baile, mas aqui, aposto que algum xeique do deserto pagaria muito bem para que eu enfeitasse sua tenda.

Ela parecia tão indignada que Harry teve que rir, e ainda assim o pensamento de outro homem a tocando... qualquer homem que não fosse ele... fez seu sangue ferver. Uma imagem dela, seus membros pálidos entrelaçados aos dele em lençóis de seda, repentinamente, apareceu na sua cabeça e ele mordeu o interior de sua bochecha.

Meu Deus, ninguém nunca havia lhe dito que ela era linda?! Os homens na Inglaterra eram todos cegos. Ou idiotas. Estavam muito acostumados a damas pálidas e de olhos azuis para apreciarem a beleza desta mulher. Pele polvilhada com pó de ouro. Cabelo em gloriosa desordem. Ele sempre amou o cabelo dela, era pecaminosamente luxuriante, com toques de cobre e bronze e listras mais claras na frente, douradas pelo sol. Ela era perversa, incomum, inesquecível.

Harry a olhou, quase tonto de desejo. Ela era um território desconhecido, um mistério maravilhoso e irritante. Queria conhecer cada centímetro dela. Explorar cada vale e curvas.

Sem pensar, ele acariciou sua bochecha, e ela se virou para a carícia como

um gato. Seus olhos estavam escuros e sonolentos. Espontaneamente seus olhos caíram para os lábios dela, rosados e ligeiramente separados. Ele nunca quis tanto beijar alguém.

— Beije-me — ela sussurrou sem fôlego.

Ela disse aquilo em voz alta? Ou era um eco de seus próprios desejos?

— Acho que não. — Ele balançou a cabeça, como se a poção estivesse obscurecendo seus sentidos também. Ele era um cavalheiro, e não podia se aproveitar dela naquele estado. Ela não sabia o que estava dizendo.

Harry precisou de toda a sua força de vontade e conseguiu dizer provocante. — Não até chover, lembra-se?

Seus lábios perfeitos fizeram beicinho em decepção cômica, enquanto ela deslizava uma mão pela nuca dele e tentava puxá-lo em sua direção. A outra mão dela deslizou pelo seu peito, e Harry sabia que ela devia ser capaz de sentir as batidas do seu coração através da camisa fina. Disse a si mesmo para se afastar, mas não conseguiu resistir ao prazer e dor de seu toque inocente.

Inclinando-se a pegou em seus braços. — Venha, vamos colocá-la na cama.

Para sua surpresa, ela não resistiu. Ele se levantou, apreciando a sensação dela, o sopro inebriante de perfume que provocava suas narinas quando se movia. Abaixou-se sob a aba da tenda e a depositou gentilmente em seu saco de dormir.

Os braços dela ainda estavam em volta do seu pescoço, os rostos tão próximos que ele podia sentir o calor da respiração dela contra sua bochecha. Deus, se virasse a cabeça apenas uma fração, seus lábios tocariam os dela...

A mão de Hester deslizou pela frente do peito dele e parou abruptamente quando encontrou uma forma dura e retangular em seu bolso.

Harry reprimiu um gemido. Tinha esquecido que aquela maldita coisa estava lá. Ele fechou os olhos em resignação enquanto ela puxava o frasco prateado que carregava sempre consigo.

Seus olhos se arregalaram com a descoberta e sua boca formou um O perfeito de surpresa. Ele quase cedeu e a beijou, apenas para impedi-la de chegar a uma conclusão que o envergonharia.

Maldição.

— Eu lhe dei isso! — ela disse, uma nota de admiração em sua voz. Sua boca se dividiu em um sorriso encantado. — Anos atrás. Não acredito que guardou todo esse tempo!

Ela lhe deu aquilo como uma piada em um Natal, cheio de seu conhaque favorito. Com seu tom seco habitual, lhe dissera que seria útil para reviver todas as mulheres que desmaiaram a seus pés, ou apagar os ferimentos de pistola que ele, sem dúvida, receberia de maridos irados em duelo. Ele o manteve consigo desde então, um lembrete dessa irritante de língua afiada. Esteve com ele por toda a península, em todas as batalhas, em todas as dificuldades. Era seu amuleto da sorte pessoal.

Ele podia não acreditar em maldições egípcias, como a associada ao colar, mas certamente se sentia mais seguro com o frasco. Não podia explicar

racionalmente o *porquê*, mas sabia que estava protegido sempre que o tinha.

Ele pegou dela, desenroscou a tampa e tomou um gole grande, principalmente para ganhar um pouco de tempo. O olhar em seu rosto... olhos suaves e brilhantes, expressão esperançosa... quase o matou. *Certamente ela suspeitaria das profundezas de seus sentimentos agora?* Seu coração batia loucamente no peito com a perspectiva de exposição.

— Ahh, Conhaque francês. O melhor — ele disse.

Talvez devesse contar a ela? Admitir que estava apaixonado por ela há mais tempo do que poderia contar. Admitir que ele não queria nada além de provocá-la, levá-la para a cama e deixá-la enlouquecê-lo pelo resto de sua vida.

Não. Deus, não. Péssima ideia. Ela estava entorpecida com alguma mistura ridícula de ervas. Não saberia o que ele estava dizendo. Mal sabia o que ela própria dizia. Provavelmente nem se lembraria dessa conversa pela manhã. Graças a Deus.

Hester agarrou o frasco, mas ele o afastou com facilidade.

— Nada de conhaque, Lady Morden. A senhorita já bebeu líquidos intoxicantes suficientes por uma noite, não acha?

Ela conseguiu enrolar os braços em volta do pescoço dele novamente, como um polvo. Ele gentilmente os retirou e deu um passo para trás, e Hester caiu de costas em seu saco de dormir com um pequeno som de frustração.

— Por que não dorme um pouco? Tenho certeza de que se sentirá muito melhor pela manhã.

Ela lhe franziu a testa, a expressão desolada, e ele sentiu uma forte onda de arrependimento. Hester pensou que ele a estava recusando, porque não estava atraído por ela. O que era ridículo. Mas melhor do que a verdade.

Conhecendo Hester, ela duvidaria muito de uma declaração de amor de qualquer maneira. Pensaria que estaria brincando com ela, ou se divertindo, ou que apenas estivesse atrás do dinheiro. Ele não sabia como conseguiria convencê-la de que estava falando a verdade. *Se decidisse contar a ela, quer dizer.*

Ele abriu a boca para dizer algo para apaziguá-la, mas ela já havia se virado de lado e fechado os olhos.

— Boa noite, Tremayne. — Ela murmurou. — Vá dormir.

Capítulo 12



Harry cobriu Hester com um cobertor, depois deixou a tenda e caminhou uma boa distância. Inclinou a cabeça para trás, ergueu o olhar para as estrelas e respirou fundo o ar frio da noite.

Ele estava claramente sendo testado pelos deuses. Talvez aquele maldito colar realmente *fosse* amaldiçoado. Lá estava ele, recebendo tarefas hercúleas, como agir como um cavaleiro quando todos os seus pensamentos eram, decididamente, nada cavaleirescos. Esta, certamente, era a tortura mais intensa que a deusa Serqet... ou qualquer que fosse o nome dela... poderia submetê-lo. Ter o objeto de seus desejos tão perto, tão estranhamente disposta e ainda assim ser incapaz de tocá-la. Era agonizante. Uma praga de proporções épicas.

De repente, tudo que ele mais queria era permanecer naquele deserto. Ficar perdido para sempre, sem mapas, apenas os dois, e nunca mais voltar para a Inglaterra. Para o inferno com tia Agatha, as múmias e Napoleão. Ele e Hester poderiam viver sem restrições e livres, fazer amor sob aquelas estrelas incríveis ou se aconchegar do lado de uma fogueira ardente. Esfriava à noite no deserto. Ficaria mais do que feliz em compartilhar seu calor.

Expeliu um fluxo lento de ar e passou a mão pelos cabelos. Impossível. E impraticável. Ele gostava dos confortos da vida moderna. Um mundo civilizado inteiro os esperava em Londres.

Redirecionou seu olhar para a tenda. Hester sempre professou odiá-lo. Poderia uma mera poção, transformar nojo em amor? Certamente que não. Mas talvez pudesse intensificar um desejo que já estava lá. Um brilho quente de esperança se acendeu em seu peito. Talvez agisse como um intensificador, transformando as chamas de uma paixão oculta em uma explosão intensa de emoções. Talvez ela estivesse começando a amá-lo, afinal.

O medo que ele sentiu quando percebeu que ela havia sido picada, foi horrível. As guerras lhe ensinaram sobre a fragilidade, o milagre da vida. Ele havia perdido amigos em batalha, poderia muito bem tê-la perdido. Homens muito mais fortes foram derrubados por picadas de escorpião. Na mitologia grega, o poderoso caçador Órion foi morto por um escorpião, não foi? Zeus colocou o herói e o escorpião entre as estrelas. Harry olhou para cima novamente e localizou as duas constelações nos céus, em lados opostos.

Talvez existisse mesmo algo como uma maldição. Hester quase foi picada por uma cobra, quase se afogou no oásis, e depois sofreu uma picada de escorpião. Ele balançou a cabeça, descartando o pensamento fugaz. Não. Era coincidência; o Egito era um lugar perigoso, cheio de coisas que poderiam matá-lo. Se não era o calor ou a seca, eram tempestades de areia ou a vida selvagem inóspita. E Hester era uma mulher que naturalmente parecia atrair problemas.

Harry não conseguia imaginar a vida sem ela. Ele precisava que ela o provocasse e o desafiasse. Que o estimulasse e o melhorasse. E ela precisava da proteção dele. Jamais restringiria as suas aventuras, isso a tornava quem ela era..., mas queria estar ao seu lado para mantê-la protegida de Drovetti e dos escorpiões do mundo.

O resmungo queixoso do camelo... não, *dromedário*... interrompeu seus pensamentos. Harry deu um suspiro profundo e voltou para a fogueira. Amanhã, se o mapa de Hester estivesse correto, eles alcançariam Drovetti. Esta noite, dormiria sozinho.

Capítulo 13



Hester acordou de manhã com o tornozelo dolorido e a mente confusa. Sua boca estava mais seca do que o deserto e, com um gemido, ela se sentou e procurou sua bolsa de água. Do outro lado do tecido da tenda, ela podia ouvir Bahaba resmungando e o barulho de Harry empacotando o acampamento. Ele há tinha acordado, então.

Suas lembranças da noite anterior eram nebulosas, para dizer o mínimo. Ela se lembrou de ter sido picada pelo escorpião e da dor, e Tremayne lhe deu o remédio incorreto para beber. Lembrou-se da dor diminuindo e depois se sentindo leve e corada.

E desejo. Seu corpo definitivamente experimentou desejo. Suas amigas no harém discutiam longamente o assunto, detalhando todos os sinais físicos, e Hester experimentou cada um deles na noite passada. Sua pele ficou febril, o coração acelerou com a proximidade de Tremayne. Seu estômago pareceu agitado. Os seios doeram, como se desejasse pelo toque dele. Ela queria enterrar o nariz no pescoço dele e inalar a sua gloriosa fragrância.

Sim, sem dúvida, o xarope de Lírio Azul do Nilo do tio Jasper era um afrodisíaco extraordinariamente eficaz.

Um rubor aqueceu suas bochechas. *Fizera papel de boba na noite anterior?* Ela queria que Harry a beijasse, mas ele se recusou. Que humilhante. Praticamente se ofereceu em uma bandeja. Claramente, seu desejo não foi correspondido. O que significava que a única coisa a fazer era encarar com desembaraço e fingir que não significou nada para ela.

Como sempre.

Com um suspiro, ela enrolou o mapa que junto com seu tio Jasper haviam meticulosamente produzido. O lema da família Morden, “*Non Perdidit*”, a encarava do papel, junto com o nome de seu tio. Hester bufou. “Nunca perdido?” Que porcaria. Ela *estava* perdida. Não fisicamente, mas emocionalmente. Seu coração estava perdido para Harry Tremayne, e duvidava que algum dia o recuperaria. O único lugar para onde ela queria navegar era para os seus braços.

Por que ela não poderia ter um mapa que a direcionasse para o coração dele? Ela sabia a resposta para isso. Era um destino impossível: algum lugar tão inacessível quanto as Montanhas da Lua, tão inacessível quanto a seção que dizia: “Aqui estão os dragões”.

Quando ela arrumou seus escassos pertences, abaixou-se sob a aba da tenda e encontrou Tremayne pronto para partir. Ele a ajudou a desmontar a tenda, uma questão bastante simples de remover a vara central e dobrar o material listrado em um pacote. Então partiram.

Os primeiros vinte minutos se passaram em um silêncio constrangedor.

— A senhorita sabe a receita daquele xarope de Lírio Azul do Nilo? — ele

perguntou abruptamente. — Ou acredita que se possa conseguir com o médico do Bei?

Hester arriscou um olhar para ele para ver se estava zombando dela. — Eu provavelmente poderia conseguir a receita. Por quê?

Seus lábios se separaram em um sorriso satisfeito. — Porque é uma maneira infalível de se fazer fortuna. — Ele piscou para ela. — Bem, não para a senhorita, pois já é dona de uma fortuna. Mas para mim, certamente. Pense nisso, se funcionar tão bem em homens quanto em mulheres, seremos mais ricos do que Cresol!

Hester sentiu um rubor envergonhado aquecer sua pele. — Ele teve algum efeito em mim? — ela perguntou de improviso. — Não me lembro de nada depois que fui picada pelo escorpião. Presumi que tivesse desmaiado e que o senhor me colocou na cama.

Ele lançou um olhar de soslaio sob seus cílios que fez seu coração disparar, mas se absteve de confrontá-la.

— A senhorita tem reclamado sobre eu levar múmias para Londres — disse ele. — Esta é uma oportunidade muito mais ética. Tenho certeza de que os nobres cavalheiros do *Royal College*, ficarão fascinados por um afrodisíaco tão eficaz.

Ele deu uma risada com a expressão horrorizada dela. — Não se preocupe, darei a senhorita e ao tio Jasper todo o crédito. Serei um parceiro silencioso da empresa. — Ele acenou com uma mão dramaticamente pelo horizonte, como se estivesse lendo um anúncio em uma faixa. — Eu posso ver isso agora. Remédio Milagroso de Morden. Poção do Amor. A senhorita será festejada por toda a cidade.

— Absolutamente não. — Hester disse friamente. — Prefiro me matar.

Aceitando a recusa dela com um encolher de ombros, ele disse risonho. — Apenas pense sobre isso.

Caíram em silêncio novamente, mas ao atingirem uma ligeira subida, Harry controlou seu cavalo e enviou-lhe um olhar de aprovação. A cidade de Alexandria estendia-se abaixo deles, circulando o porto. Hester podia distinguir vários navios grandes ancorados na baía. As lentas águas escuras do Nilo alimentavam a cidade, canalizadas por comportas e diques que alimentavam os férteis campos verdes ao redor.

Harry apontou. — Olhe! É Drovetti.

De fato, um grupo de cavaleiros era visível na estrada que levava à cidade, Drovetti de chapéu, claramente distinguível na frente.

— Mulher inteligente! Seu mapa reduziu a jornada pela metade! — Harry estimulou Makeen a seguir em frente. — Vamos. Se o seguirmos, podemos descobrir onde está hospedado. Então podemos recuperar nosso colar.

— Meu colar — corrigiu Hester.

Ele apenas sorriu para ela.

— Oh, vá e dê um mergulho no Nilo — disse ela irritada.

— Não está tomado por hipopótamos e crocodilos famintos por homens?

— Está. Não tenha pressa.

Eles seguiram Drovetti e seus homens pelas ruas sinuosas de Alexandria, tomando o cuidado de ficar fora de vista.

— Se ele estiver com pressa para levar o colar para Bonaparte, irá direto para o porto e embarcará para a França — disse Hester.

Sua previsão se mostrou correta. Eles seguiram o italiano até a orla. Drovetti dispensou os homens, em seguida, saudou o capitão de um dos navios e, depois de uma conversa sigilosa, subiu a passarela e desapareceu por uma porta que levava a uma das extremidades do navio.

— E agora? — Hester perguntou.

— Precisamos embarcar naquele navio. — Harry desmontou, e Hester fez o mesmo. — Tem algum dinheiro?

— Tenho, mas não muito.

— Teremos que vender uma de nossas montarias então. — Harry olhou de Bahaba para Makeen. — Não há discussão. Não vou vender o cavalo. Ele é muito bonito. Seu camelo fedorento terá que ir embora.

— Ele é um dromedário — Hester fez uma careta e deu um tapinha no nariz lanoso de Bahaba. — Não lhe dê ouvidos, Bahaba. É muito útil. — A criatura ingrata, tentou mordê-la. Ela encolheu os ombros. — Ora, tudo bem.

Eles conseguiram vender o dromedário para um comerciante desavisado no mercado, e Harry usou parte dos lucros para comprar uma torta de massa e um pouco de suco fresco de um vendedor de rua. Hester quase gemeu com o sabor delicioso. Não tinha percebido o quão faminta estava, até dar sua primeira mordida.

Feito isso, Tremayne a levou a uma das muitas lojas de antiguidades lotadas que aglomeravam o labirinto de ruas. Depois de uma boa pechincha, ele comprou um belo sarcófago de madeira vazio.

— O que aconteceu com encontrar sua própria múmia? — Hester perguntou. — Eu pensei que quisesse um corpo autêntico para vender?

— Isso é apenas algo vistoso para nos levar a bordo daquele navio. Posso comprar múmias para os cirurgiões mais tarde. — Ele apontou para outra múmia aparentemente intacta descansando dentro de uma caixa decorada.

— O senhor não vai levar isso para a Inglaterra para ser disenfaixado. — Hester repreendeu. — Por que diabos os médicos querem dissecar alguém com mais de dois mil anos? Como isso ajudará seu conhecimento de anatomia? Aquilo foi a avó de alguém. Não tem respeito pelos mortos?

Ele a ignorou e pediu a dois jovens desalinhados que estavam andando pela rua, para pegar o sarcófago e carregá-lo atrás deles, enquanto levava Makeen de volta às docas. Hester os seguiu, sentindo-se quente e desanimada.

— O que está pensando? — ela perguntou.

Harry vasculhou os bolsos e retirou uma folha de papel dobrada. — Tenho uma carta de apresentação de seu amigo Henry Salt. Estou me passando por um negociante de antiguidades sem escrúpulos que está transportando múmias para Londres em seu nome.

Hester bufou. — Isso não deve ser muito difícil de acreditar. O senhor é um negociante de antiguidades sem escrúpulos.

Ele ignorou a piada dela e acenou com o papel. — Isso me dá o privilégio diplomático de exigir passagem em qualquer navio no porto.

Ela arqueou as sobancelhas, relutantemente impressionada. — Ah.

— Drovetti provavelmente terá ido procurar algo para comer. Vou distrair o capitão com meu sarcófago enquanto a senhorita procura o colar.

— Ele não terá deixado sem vigilância — disse Hester, irritada. — Deve manter o colar com ele.

— Isso provavelmente é verdade, mas precisamos ter certeza. Se não estiver lá, vamos esperar que volte e assim nós o dominamos. Irei segurá-lo enquanto a senhorita o procura. Mas vamos nos certificar de que não está na cabine dele primeiro, certo?

Como Hester não conseguia pensar em um plano melhor, deu de ombros resignada, mas quando chegaram às docas, pararam e olharam. O navio de Drovetti não estava mais atracado à beira da água. Estava indo em direção ao horizonte.

— Maldição! — Harry exclamou.

Capítulo 14



Tremayne apertou os olhos em direção ao navio que desaparecia. — Teremos que segui-lo até a França, então, suponho.

Hester ofegou. — Não pode estar falando a sério.

— Claro que estou. Não podemos deixá-lo levar o colar para Bonaparte. E se aquela maldição for verdadeira? O futuro da Europa pode estar em perigo. — Seu rosto se enrugou em um sorriso juvenil de antecipação. — Precisamos manter o navio de Drovetti sob nossa mira. Vamos. — Ele se afastou.

— Se eu não soubesse, Tremayne — Hester fez uma careta, correndo atrás dele —, pensaria que isso era algum plano engenhoso para me aproximar da Inglaterra, para que possa reivindicar as cinco mil libras.

Ele a olhou por cima do ombro. — Assim a senhorita me machuca. Recuperar esse colar é nosso dever patriótico.

— O senhor não acha que o colar concederá a Napoleão nenhum poder. O que gosta mesmo é da ideia de uma caça ao tesouro!

Ele não negou. Seus olhos brilharam de alegria.

— Quanto tempo levará para chegar à França, afinal? — Hester resmungou. — Minhas roupas estão...

Acenando com a mão ele a interrompeu impaciente. — Quatro ou cinco dias, imagino, com um bom vento. E não temos tempo para comprar mais roupas. Temos que ir agora.

Hester suspirou. Não podia se recusar a ir com ele. Não queria ficar sozinha em Alexandria, sem um tostão, sem nem mesmo Suleiman para protegê-la. E queria recuperar o colar tanto quanto ele.

Ao contrário de Harry, ela não estava pronta para descartar a possibilidade do colar ter propriedades extraordinárias. Sentiu o poder estranho e inebriante dele quando o colocou em volta do pescoço, e o pensamento de que ela poderia ter sido amaldiçoada por ele, mesmo agora, era impossível de descartar.

Não aconteceu um desastre após o outro como o ancião havia previsto? Ela foi roubada por Drovetti, quase se afogou e depois foi picada por aquele escorpião. Mera coincidência? Ou algo mais?

Se *houvesse* algo mais sinistro sobre o colar, então permitir que Napoleão colocasse as mãos nele, poderia realmente ter consequências desastrosas. O homem já havia se mostrado determinado a conquistar o máximo do mundo que pudesse. Sua arrogância e ambição eram ilimitadas. Com o poder de uma deusa egípcia furiosa atrás dele, poderia muito bem se provar imbatível.

Ainda assim, cinco dias de proximidade forçada em um navio com Harry eram suficientes para fazer o coração dela disparar. Só teria que fazer o possível para ignorar o efeito alarmante que ele tinha sobre ela. Só isso.

Com a carta de recomendação de Harry, não demorou muito para encontrar

um capitão disposto a fazer a travessia para a França e, em um tempo surpreendentemente curto, foram levados a bordo de um brigue ajeitado e acomodados em cabines separadas adjacentes. Não querendo se desfazer de suas compras, Harry direcionou os dois meninos a carregarem o sarcófago pela passarela íngreme até o convés. Hester observou divertida enquanto os jovens infelizes tentavam incliná-lo através da escotilha que levava para a parte de baixo. O sarcófago tinha mais de dois metros e meio de comprimento e a escada era íngreme e estreita. Foi preciso bastante gesticulações e protestos, antes que a coisa fosse embarcada.

Feito isso, Harry insistiu em trazer Makeen, o cavalo árabe, a bordo também.

— Não vou deixar uma criatura tão magnífica para trás. Pense na agitação que ele fará na Inglaterra! Posso fazer uma fortuna colocando-o para procriar.

Hester revirou os olhos quando ele persuadiu o animal assustado a embarcar, mesmo assim ficou impressionava com a maneira confiante com a qual ele lidava com o animal.

Com a besta finalmente amarrada com segurança, eles zarparam. Hester ficou parada no corrimão e observou enquanto o contorno aleatório do horizonte de Alexandria desaparecia em uma névoa de calor oscilante como uma miragem. Ela voltaria para o Egito? E que desastres os aguardavam na França?

Harry se levantou para ficar ao lado dela. Ele se apoiou facilmente no corrimão de madeira e olhou para a água. — Sem me empurrar ao mar como fez em Veneza — ele alertou suavemente.

Hester bufou. — Então não faça nada para irritar-me.

Ela estava acostumada a viajar por mar. Partira da Inglaterra com seu tio Jasper. O navio que eles comandaram era um brigue, um navio mercante com dois mastros quadrados. O capitão, Jacopo Cavalli, provou ser um comerciante italiano corpulento com um dente de ouro e um ar levemente pirata. Hester rapidamente deduziu que era um ladino adorável, ele os entretinha com histórias de sua esposa mandona e agitada em Livorno, e seus sete filhos barulhentos. Brincara que fora para o mar para escapar de suas brigas incessantes, mas depois admitiu que sentia falta deles assim que deixou o porto e mal podia esperar para voltar do comércio de vidros e lençóis egípcios, para o vinho e as sedas italiana.

Os contos do Signor Cavalli sobre sua família amorosa e barulhenta deixaram Hester um pouco invejosa. Ela sempre quis ter sua própria família. A maneira como o rosto enrugado do italiano suavizava sempre que contava uma anedota, o brilho de orgulho paterno em seus olhos ao contar as travessuras de seus filhos, era evidência de seu amor ilimitado.

E na tentativa de passar o menor tempo possível na companhia de Harry... e assim evitar a tentação...Hester se ocupou dando os últimos retoques em seus mapas do Egito. Então, reetiquetou o baú de remédios de seu tio Jasper para que não houvesse repetição do acidente com o Lírio Azul do Nilo.

Harry passava mais tempo no convés cuidando de Makeen, acariciando a crina do animal e cantarolando em suas orelhas. Hester se recusava a sentir ciúmes de um cavalo. E era apenas quando se deitava em sua cama estreita à noite que se permitia pensar em Harry na cabine ao lado da dela, do outro lado da fina parede de madeira. Esforçava-se para ouvir um som, o rangido da cama ou um suspiro abafado, mas nunca ouviu nada. Todo o barulho era abafado pelo som ritmado das ondas.

O tempo, felizmente, se manteve durante a travessia, e o navio de Drovetti permaneceu à vista o tempo todo. Na manhã do quinto dia, Hester soltou um pequeno grito de excitação quando a costa da França finalmente apareceu no horizonte.

— Parece que vamos atracar em algum lugar perto de Cannes — disse Harry, esgueirando-se atrás dela tão silenciosamente que ela quase morreu de susto.

Ela roubou uma olhada do seu belo perfil, depois resolutamente se virou para estudar as pequenas casas que se aglomeravam nos penhascos ao redor da faixa crescente e curva da praia. Ela tinha esquecido o quão *verde* a Europa era. Aquilo quase machucou seus olhos.

Harry apontou para vários grandes barcos que lotavam a baía, e Hester apertou os olhos para ler as placas de identificação pintadas na lateral: *Inconstante*, *Saint Espri't*, *Étoile*.

— Aposto que Napoleão partiu de Elba em um desses. E olha, ali está o navio de Drovetti. Ele deve estar com um dia de vantagem sobre nós, na melhor das hipóteses.

Hester olhou para as pessoas da cidade no movimentado cais com espanto. — Olha! Eles estão usando palafitas tricolores em seus chapéus novamente, assim como fizeram durante a Revolução! Eu me pergunto se eles são novos ou se apenas se esconderam o tempo todo que o rei Louis estava no trono.

A expressão de Harry endureceu. — Eu esperava nunca mais ver uma coisa dessas de novo. — Ele respirou fundo e fez um esforço para afastar sua raiva. — Ainda assim, não deve ser muito difícil seguir a trilha de Napoleão. Os moradores locais não devem falar de outra coisa. Vamos, precisamos desembarcar.

Em menos de uma hora, eles descarregaram Makeen e seus lamentáveis poucos pertences. Harry ofereceu ao capitão Cavalli o sarcófago pintado se ele concordasse em permanecer no porto pelos próximos dias.

— No caso de precisarmos escapar rapidamente. — ele sorriu. — É sempre bom deixar as opções em aberto.

Hester orou para que isso não fosse necessário.

Ela fingiu não ficar impressionada com a capacidade de Harry falar francês enquanto conversava facilmente com os habitantes locais, mas não tinha ideia de que ele era tão proficiente no idioma. Devia ter aprendido durante a guerra. Seu respeito por ele aumentou ainda mais. Havia muito mais nele do que ela jamais suspeitara. Que outros talentos ocultos possuiria?

Quando o ouviu casualmente se referir a ela como “*ma femme*”, no entanto, o cotovelou bruscamente nas costelas. — Do que acabou de me chamar? “*Ma femme*” não significa “minha esposa”?

Seu sorriso era completamente perverso. — Pode significar “minha esposa” ou “minha mulher”, qual prefere? Eu disse a eles que estávamos em nossa lua de mel.

O olhar dele percorreu o rosto dela, acomodando-se por um momento em seus lábios, como se estivesse considerando beijá-la para apoiar sua história, e o coração de Hester deu um baque. Os olhos dele escureceram, mas ela conseguiu sacudir a cabeça e quebrar a tensão repentina que crepitava entre eles.

— Nenhuma das duas opções, muito obrigada.

Ele deu a ela um olhar astuto e riu.

Seus esforços para alugar uma carruagem falharam. Napoleão havia chegado com mais de seiscentos soldados veteranos, muitos dos quais precisavam de montarias, e os moradores locais venderam alegremente até mesmo seus cavalos de carruagem para o “exército libertador”. No final, Harry foi forçado a pagar uma quantia exorbitante por um burro sujo e rabugento. Apesar de sua aparência cômica, no entanto, o animal parecia contente em trotar ao lado do belo Makeen.

Napoleão, eles descobriram, havia desembarcado há três dias e se dirigido para o noroeste, sobre os Alpes em direção a Grenoble. Era geralmente assumido que seu destino era Paris, onde ele recuperaria as rédeas do poder do rei Bourbon Louis.

— Olhe para isso. — Harry entregou a ela um pequeno folheto impresso, que um dos moradores lhe dera. — Ele voltou a se chamar de Imperador.

Hester leu o folheto impresso às pressas, que acabou sendo uma proclamação do próprio Napoleão.

— Soldados! — Ela leu em voz alta. — No meu exílio, eu ouvi a sua voz. Voltei apesar de todos os obstáculos e todos os perigos. Seu general, chamado ao trono pela escolha do povo, está lhes restaurado. Venham e juntem-se a ele! Vamos derrubar as cores que a nação proibiu e que, por vinte e cinco anos, serviram como um sinal de união para todos os inimigos da França. Usem o cocar tricolor, o suportaram nos dias de nossa grandeza. Eu nasci da Revolução. Eu vim para salvar o povo da escravidão em que sacerdotes e nobres os mergulharam.

Ela franziu a testa. — Meu Deus!

— Essa é uma maneira muito mais educada de dizer isso do que eu teria escolhido. — disse Harry sombriamente. — Mas, sim. Vamos.

Capítulo 15



Os próximos dias foram um borrão exaustivo de cavalgadas difíceis e breves cochilos em pequenas estalagens à beira da estrada. O cenário alpino era deslumbrante, mas Hester mal tinha tempo para admirar a vista, e a cada parada a previsão de Harry se mostrava verdadeira, a única coisa que saía dos lábios das pessoas, era o retorno triunfante de Napoleão.

Eles chegaram a Grenoble, apenas para descobrir que a cidade havia se rendido sem sequer lutar. O estalajadeiro informou que Napoleão agora tinha sete mil soldados à sua disposição. Em todas as paradas, seus antigos apoiadores estavam saindo da toca e jurando lealdade.

— Acredita que Drovetti entregou o colar para Bonaparte? — Hester se aventurou enquanto trotavam ao longo de uma trilha esburacada e arborizada na direção de Lyon. Cada músculo de seu corpo doía de fadiga, mas ela se recusou a reclamar.

— Provavelmente — disse Harry melancolicamente. — Napoleão certamente parece estar tendo uma sorte extraordinária. — Ele pressionou os calcanhares das botas nas laterais de Makeen e balançou a cabeça. — O tempo todo que esteve em Elba, ele continuou prometendo não fazer nada, mas era tudo mentira. O homem é louco por poder.

A possibilidade de que o colar pudesse estar ampliando esse desejo de poder, levando um fervor, já existente, a um patamar extremo de confiança imprudente, não foi dita entre eles.

— Napoleão não se contentará em expulsar o rei Louis de Paris — continuou Harry. — Ele tem que conquistar. Sua natureza exige isso. E as potências aliadas nunca permitirão que ele tenha rédea livre. Estamos caminhando para uma guerra, anote minhas palavras. — Harry a olhou, e sua expressão furiosa se suavizou. — A senhorita está exausta.

Ele parou Makeen, e Hester controlou seu burro.

Harry estendeu os braços e apontou o pé no estribo. — Vamos. Dê um descanso a essa pobre besta. Makeen é forte o suficiente para carregar duas pessoas por um tempo, e a senhorita parece que está prestes a adormecer na sela.

Hester estava cansada demais para discutir. Quando escorregou das costas do burro, seus joelhos quase cederam, mas ela conseguiu amarrar as rédeas do animal à sela de Makeen. Harry a puxou na frente dele e a acomodou de lado em seu colo. Makeen saltou em protesto, mas ele o controlou com um aperto nas coxas, e Hester suspirou enquanto se acomodava contra o peito dele.

Ela deveria ter se sentido envergonhada por estar sendo segurada em seus braços assim, com a cabeça enfiada sob o queixo dele e a orelha pressionada ouvindo a batida constante de seu coração. Mas parecia tão certo, tão natural, que ela não protestou. Simplesmente derreteu em seu corpo, saboreando o

aroma marcante dele e a força sólida abaixo dela. Fechou seus olhos com um suspiro de contentamento. Harry a manteria segura. Não a deixaria cair.

Quando chegaram a uma pequena estalagem naquela noite, Harry roubou um jornal do salão e leu que o marechal francês Ney, que havia prometido ao rei Luís que convenceria Napoleão a se entregar ou “trazer o usurpador de volta em uma jaula de ferro”, havia se tornado traidor e voltou-se para o lado de Napoleão.

Hester não conseguia se livrar da convicção de que o poder maligno do colar estava entrando em vigor. O curandeiro em Kharga havia previsto uma grande destruição, e ela tinha a terrível sensação de que as coisas estavam avançando em direção a algum resultado terrível e sangrento.

A sorte os favoreceu quando chegaram à pequena cidade de Villefranche. Finalmente, alcançaram Napoleão.

A cidade estava repleta de pessoas que compareceram para mostrar seu apoio. De acordo com o ferreiro local, o imperador estava hospedado em um dos maiores hotéis da cidade. Um número considerável de oficiais feridos, estavam apresentando-se a ele naquela tarde, para receber seus agradecimentos e jurar lealdade ao seu antigo comandante.

Os olhos de Harry se iluminaram, e ele sorriu pela primeira vez no que pareciam ser dias. — Essa será a distração perfeita. Enquanto Napoleão está ocupado conversando com seus soldados, vamos nos disfarçar de criados, entrar em seus aposentos e procurar o colar.

— Duvido que seja tão fácil. Certamente, se ele estiver com o colar, depois de todo esse tempo, não irá perdê-lo de vista.

— Não vai doer olhar — Harry rebateu razoavelmente.

Então, uma hora depois, Hester se viu carregando uma bandeja de pratos sujos perto da porta dos fundos da estalagem, vestida como uma servente humilde. Harry teve o grande prazer em roubar a roupa de um varal. Ela estava prestes a lhe dar um sermão sobre a ética do roubo... mais uma vez... quando o viu colocar uma moeda de ouro na bolsa deixada pendurada lá. Ele era um ladrão estranhamente honesto.

— Não vai entrar comigo? — ela resmungou.

Harry olhou de forma apreciativa para os seios dela, e suas bochechas esquentaram. Ela tinha certeza de que ele havia escolhido, deliberadamente, o vestido mais revelador que poderia encontrar, apenas para vê-la constrangida. Ele estava gostando do que estava vendo?

— A senhorita é uma camareira muito mais convincente do que eu — ele riu — e eu não quero deixar Makeen. Alguém pode roubá-lo. Além disso, um de nós precisa ficar de olho em Napoleão. Vou vigiá-lo pelas janelas da frente e me certificar de que ele fique aqui embaixo.

— E o que fará se parecer que ele está prestes a sair?

— Vou criar uma distração.

Hester arqueou uma sobrancelha. — Uma distração.

— Vou fingir estar bêbado e começar uma briga no pátio da frente. Isso vai

chamar a atenção de todos.

Hester balançou a cabeça.

— Eu sei que é só para isso que acha que eu sirvo — Harry brincou. — Não leve em consideração o fato de eu estar em desvantagem numérica de dez para um e que provavelmente serei espancado até a morte. Não importa que algum granadeiro francês corpulento possa me quebrar ao meio como um galho.

— O senhor ficará bem. — Hester bufou. — Nunca conheci um homem tão sortudo quanto o senhor. Pois sempre consegue sair de brigas sem nem um arranhão.

Ele enviou a ela um sorriso arrogante e deu-lhe um tapinha no traseiro de forma brincalhona. — Pode ir, querida.

Ninguém prestou atenção em Hester enquanto ela abria caminho para as cozinhas, escondendo-se atrás de sua bandeja. Todos os criados estavam em um estado de leve pânico enquanto corriam para acomodar as demandas de seu convidado inesperado e sua enorme comitiva. Hester trocou a bandeja por uma pilha de lençóis limpos e dobrados e subiu as escadas dos fundos, procurando por quaisquer sinais que indicassem qual quarto pertencia a Napoleão. Passou por um par de guardas descansando ao pé da escada, mas eles a ignoraram. Ele teria guardas do lado de fora de seus aposentos também? Como diabos ela teria acesso?

Ela seguiu algumas criadas risonhas ao longo de um corredor e parou praguejando baixinho quando avistou uma figura enorme de guarda do lado de fora do quarto, na outra extremidade. Virou-se para a parede e fingiu estar atrapalhada com um conjunto de chaves, depois lançou outro olhar para a silhueta volumosa.

Franziu a testa. Era difícil ver contra a luz do sol, mas o homem não parecia estar vestindo um uniforme, nem carregando uma arma. Ele estava com os braços cruzados sobre o peito e parecia estranhamente familiar. Ombros largos, calças largas. Turbante cuidadosamente enrolado.

Hester se virou com um suspiro.

— Suleiman!

Capítulo 16



O fiel retentor de seu tio se virou ao som de sua voz.

— Suleiman! — Hester ofegou novamente. — O que diabos está fazendo aqui?

Um largo sorriso de boas-vindas se espalhou pelo rosto do mameluco. — Lady Morden! — ele grasnou, depois lançou um olhar breve e temeroso pelo corredor. — Rápido! Venha!

Ela correu até ele. Suleiman pegou a maçaneta da porta atrás dele, abriu-a e a empurrou para dentro.

Assim que ficaram a sós, ele abriu os braços e puxou-a para um abraço de urso esmagador que quase a levantou do chão, então ele a segurou no comprimento do braço e sorriu para ela com prazer evidente. — Louvado seja Deus! Minha pombinha, como veio parar aqui?

Hester riu incrédula. — Como *veio* parar aqui? Pensei que tivesse sido mordido por uma cobra ou caído em um poço funerário em Fayium.

O bigode preto de Suleiman estremeceu de indignação. — Aquele filho da mãe, Drovetti! Que as águias biquem seu fígado. Que os crocodilos comam seu coração! Os homens dele me atacaram quando a senhorita desceu no poço. Eles perguntaram pela senhorita, mas eu disse que estava nas colinas, fazendo mapas. Eles me bateram e me levaram para um navio, e navegamos até aqui. Para a França! Drovetti me deu como um presente ao imperador francês.

— Aquela besta! Estou tão feliz que esteja bem.

A expressão de Suleiman endureceu. — Quando eu colocar minhas mãos nele, aquela cobra...

— Ainda está aqui por aqui? — Hester perguntou com urgência. — Drovetti, quero dizer.

— Eu o vi, bajulando perto de Bonaparte, mas ele se mantém longe de mim — disse Suleiman sombriamente.

— Ele é a razão de eu estar aqui também. Ele roubou um colar que encontrei na areia perto dos túmulos.

As sobrancelhas espessas de Suleiman se ergueram e Hester fez um gesto de aceno no ar. — Napoleão está convencido de que a coisa tem poderes mágicos.

Sua expressão se tornou intensa. — Como é esse colar?

— É bastante adorável, na verdade. Uma corrente com um pingente em forma de escorpião, cravejado de rubis. Mostrei ao curandeiro, e ele disse que tinha algo a ver com uma antiga deusa egípcia chamada Serqet.

Os olhos de Suleiman se arregalaram. — A deusa desprezada! — ele respirou reverentemente. — Conheço essa lenda. Senhorita, ele fala a verdade. O colar está amaldiçoado! Grande mal vem para aqueles que o possuem. Não

podemos permitir que este cão francês o tenha.

— Eu concordo. Esperava que ele tivesse deixado aqui. — Hester lançou um rápido olhar ao redor do quarto. — É aqui que Napoleão dorme?

— É, mas não acho que ele deixaria algo tão valioso aqui.

— Foi o que eu disse a Harry — resmungou Hester.

— Quem é Harry?

— Oh. Harry Tremayne. — Ela fez uma pausa, tentando pensar em um descrição adequada para o bruto irritante e irresistível. — Ele é um conhecido da Inglaterra. Um amigo da família. Veio até Fayium para me encontrar.

Suleiman sorriu. — Estou feliz que tenha um homem para mantê-la segura. Sem seu estimado tio, temia pela senhorita, minha amiga.

Hester colocou a mão em seu braço musculoso. — Obrigada.

Ela atravessou até a janela e espiou o lado de fora. A julgar pela multidão reunida do outro lado, Napoleão ainda estava segurando a corte no andar de baixo. Ela procurou na multidão por um belo cavalo preto e seu cavaleiro igualmente bonito, mas não conseguiu encontrá-los em lugar nenhum. Voltou-se para Suleiman. — Não temos muito tempo. Pode nos ajudar a recuperar o colar?

— É claro. — Suleiman entrelaçou os dedos e flexionou os braços. Seus dedos estalaram ameaçadoramente. — Será um prazer.

— Temos um navio esperando em Cannes. Podemos levá-lo de volta ao Egito assim que recuperarmos o colar.

— Não acho que Bonaparte esteja usando o colar no pescoço, mas está sempre colocando a mão dentro do bolso, na parte interna do casaco, como se quisesse verificar alguma coisa. Talvez ele tenha escondido lá o tesouro de Serqet?

O coração de Hester disparou. — Acredito que possa estar certo. Não podemos nos aproximar enquanto ele estiver acordado, mas com certeza ele não dorme com o casaco?

— O homem mal dorme. Permanece acordado quase a noite inteira, ditando cartas para seus pobres secretários. — Suleiman indicou uma pequena caixa de metal em uma mesa lateral. — Ele tem uma caixa para os chapéus e outra para o relógio de bolso e outras joias, mas acredito que não guardará o colar lá. Não irá querer que ninguém o veja. Deve mantê-lo em seu casaco. Tentarei pegá-lo quando ele for se banhar esta noite.

— Obrigada. — Hester falou baixinho. — Ficarei por perto.

Quando ela voltou para os estábulos escuros para encontrar Harry, seu coração quase parou quando a figura alta de um soldado francês uniformizado surgiu da escuridão. Ela se afastou alarmada, a mão na garganta, até reconhecer o sorriso desarmante de Harry.

— Achei que conseguiria um disfarce melhor — ele sussurrou. — *Vive l'Empereur*.

Eles passaram as horas seguintes esperando que Napoleão se retirasse para descansar. Hester adormeceu sobre uma grande pilha de feno na parte de trás

dos estábulos e só acordou quando Harry a sacudiu suavemente. Ela piscou sonolenta para ele na meia-luz. Estava sonhando com os lábios dele nos dela, os dedos dele acariciando a sua pele. Seu corpo ainda vibrava de desejo.

O rosto de Harry estava perto do dela. Os dedos roçavam a sua bochecha, e tudo dentro dela ficou imóvel quando ele se aproximou. O seu aroma maravilhoso a envolveu. Ainda meio adormecida, ela separou os lábios na expectativa de um beijo, mas ele apenas puxou um pedaço de palha de seu cabelo e o afastou.

Seu ânimo despencou.

— Hora de acordar, dorminhoca. — Ele murmurou. A voz dele era um grunhido profundo que fazia todo o corpo dela tremer.

Hester se afastou e se arrumou rapidamente. *Tinha* que parar de imaginar coisas que não existiam.

Quando ela voltou para a cozinha, quase tropeçou em um jovem que estava dormindo no chão em frente ao fogão para se aquecer, mas ele mal acordou o suficiente para resmungar em aborrecimento. Ela encheu uma caneca de estanho com água quente, se alguém a questionasse, diria que estava levando uma xícara de chocolate quente tarde da noite para um hóspede.

Quando se aproximou do quarto de Napoleão, desacelerou os passos e ficou aliviada ao ver Suleiman ainda de guarda. Ele acenou para que ela se aproximasse.

— Ainda não tive a chance de revistar o casaco dele, mas ele está dormindo agora. Posso ouvi-lo roncando. Vou vigiar enquanto a senhorita entra.

Hester assentiu. Ela prendeu a respiração enquanto deslizava para dentro do quarto e olhava para a cama para dar uma olhada no homem que havia trazido tamanho conflito para a Europa.

Napoleão Bonaparte estava encolhido na cama, uma montanha arredondada, e Hester reprimiu uma onda de decepção. Esperava que um tirano tão grande fosse fisicamente maior, mas ele era uma figura pequena rechonchuda e atarracada. Ela podia distinguir o rosto dele sob a luz fraca da lua, sua pele estava pálida e suas bochechas caídas. Ele murmurou algo, e ela se abaixou, rastejando até a cadeira onde seu sobretudo azul-acinzentado estava envolto no encosto.

Com o coração batendo forte no peito, ela deslizou a mão dentro do tecido e sentiu o peso revelador do colar de escorpião.

Bingo! Seus dedos escorregaram para dentro de um bolso, e ela deu um leve suspiro quando o colar deslizou em sua palma. Ele brilhava nos fracos raios lunares que atravessavam a janela quando o ergueu. Ela quase o colocou em volta do pescoço, mas então se lembrou da sensação desconfortável que sentiu da última vez que o fez, e enfiou-o na frente do seu corpete.

Com um último olhar para a figura deitada na cama, ela rastejou de volta para a porta e saiu. O que quer que Napoleão fizesse agora, pelo menos ele não teria o poder do colar a seu dispor.

Suleiman a ajudou a se levantar. — A senhorita conseguiu?

— Sim, vamos sair daqui.

Eles chegaram aos estábulos sem contratempos e descobriram que Harry havia selado não apenas Makeen, mas também conseguido encontrar mais duas montarias de algum lugar. Hester decidiu que não queria saber sobre seus métodos. Ela fez breves apresentações, Suleiman e Harry deram um rápido aceno de reconhecimento, e então saíram pela cidade.

Hester não tinha ideia de que horas eram, certamente muito depois da meia-noite, mas as ruas ainda estavam ocupadas com pessoas cambaleando para fora das tavernas, brigando e, em geral, comemorando o retorno do imperador. Algumas canções patrióticas ecoavam pelos becos.

Nos arredores da cidade, eles se depararam com um enorme acampamento de soldados, mas com o uniforme esfarrapado de Harry e o comportamento ameaçador de Suleiman, eles conseguiram passar sem serem desafiados.

Hester reprimiu um desejo descontrolado de gritar a plenos pulmões enquanto comandavam os cavalos para que galopassem, usando a lua para iluminar o caminho. O colar era um peso reconfortante em seu corpete. Uma grande onda de alegria a preencheu, uma sensação inexplicável de que o desastre havia sido evitado.

Depois de alguns quilômetros, eles desaceleraram os cavalos para um trote, e Suleiman aproximou-se dela. Inclinando o queixo em direção às costas de Harry disse.

— Estou satisfeito com seu Harry Tremayne.

— O homem é um canalha. — Hester respirou fundo.

Suleiman riu. — Ele pode ser um canalha, mas o homem reconhece boa carne de cavalo quando vê uma. E ele cavalga como um beduíno.

Hester estreitou os olhos para os ombros largos e quadris finos à sua frente e reprimiu uma onda irracional de desejo. — Não diga isso a ele, pelo amor de Deus! Ele já é insuportavelmente vaidoso.

Suleiman riu e Harry se virou na sela.

— O que os dois estão sussurrando?

— Apenas discutindo sobre Makeen — disse Hester rapidamente. — Suleiman o estava admirando.

— Esse é realmente um animal magnífico — acrescentou Suleiman.

Harry deu um tapinha orgulhoso no pescoço do cavalo. — Ele é, não é?

— Ouvi dizer — disse Suleiman —, que os Árabes são difíceis de domar. Sua natureza é selvagem e imprevisível. Apreciam sua liberdade.

Harry deu a Hester um sorriso lento e, sem motivo algum, ela sentiu o calor subir em seu rosto.

— Ele é ocasionalmente teimoso, é verdade. — Ele disse relaxado, os olhos ainda voltados para ela. — E às vezes precisa de uma mão firme, mas eu não gostaria que fosse diferente. Seu espírito e teimosia só aumentam seu fascínio.

Ele e Suleiman compartilharam um sorriso, e Hester franziu a testa. *Por*

que suspeitava de que estavam falando sobre ela em vez do cavalo?

— Um animal como esse dá muito trabalho, de fato, mas vale o esforço extra — acrescentou Harry. — Serei a inveja de todos os homens em Londres.

Suleiman assentiu. — É uma coisa preciosa, de fato. Tome cuidado para não o maltratar.

A expressão de Harry ficou séria. — Eu nunca faria isso. Um presente como esse, tem meu respeito e devoção eternos.

Suleiman o olhou por um longo momento e depois assentiu como se estivesse satisfeito. — Isso é bom, inglês.

Hester revirou os olhos para os modos estranhos e indecifráveis dos homens, e avançaram em direção à costa.

Capítulo 17



Hester nunca ficou tão feliz em ver algo quanto ficou ao ver o navio do capitão Cavalli ainda atracado no cais em Cannes. Ela, Harry e Suleiman mal pararam para comer ou dormir nos últimos dois dias. Dormiram em celeiros e em valas. As refeições consistiam em um pedaço de pão ou um pedaço de queijo comidos quando ainda estavam montados nos cavalos. A visão do navio quase trouxe lágrimas aos seus olhos. Ela mal podia esperar por uma xícara de chá quente com leite. E um banho.

O *Signor* Cavalli os cumprimentou como primos que não se viam há anos. Hester subiu a passarela de embarque cambaleando e se afundou exausta em um barril no convés, ela só queria ir para sua cabine e dormir por uma semana.

Suleiman e Harry conduziram os cavalos exaustos a bordo. A tripulação do navio começou a se preparar para a partida, e alguém foi enviado à cidade para reunir àqueles que ainda estavam em terra.

Hester enfiou a mão no bolso de suas saias esfarrapadas e retirou o colar de escorpião. As gemas vermelhas e a prata reticulada brilhavam malevolamente entre os seus dedos. *O que diabos eles deveriam fazer com isso agora?*

Ela mal reparou a figura que subia pela passarela, presumindo que era um membro da tripulação que retornava, até perceber que as feições familiares pertenciam a Drovetti.

Por um momento de perplexidade, ela não conseguiu pensar. Ele os seguiu desde Villefranche? Mas como...?

Drovetti alcançou o topo da passarela, e sua boca formou um sorriso feio ao ver o colar no colo dela. Ele deu um pulo para frente e arrancou-lhe o colar.

— Não! — Hester gritou. — Harry!

Drovetti se virou assim que Harry se lançou pelo convés e agarrou o italiano pela cintura. Ambos caíram no chão em uma briga descontrolada.

Drovetti lhe deu um soco na orelha, que praguejando, ajoelhou-se e lhe devolveu um soco forte no rosto. Hester gritou, e o italiano uivou caindo para trás sobre as tábuas. Harry montou sobre seu corpo deitando-o de bruços. Drovetti tentou se soltar, mas Harry lhe deu outro golpe rápido na lateral da cabeça e recuperou o colar com um grunhido de satisfação. O colar brilhou à luz do sol, o escorpião tremendo quase como se estivesse vivo.

— Ladrão! — uivou Drovetti. — Devolva! Isso deve ficar com o Imperador!

Harry se levantou e recuou com o prêmio, o peito arfando pelo esforço. — Desculpe-me, meu caro. Mas o colar pertence à dama.

Drovetti se levantou e cambaleou alguns passos para trás. Seu nariz estava sangrando, mas um sorriso esticou seus lábios enquanto apontava o cano de uma pequena pistola para o peito de Harry. Ele devia ter escondido aquela

coisa na bota. Sangue escorria de seu queixo.

— Repito, inglês. Devolva o colar.

Harry balançou a cabeça. — Não tem coragem para atirar em mim, Drovetti.

Com um sorriso doentio e malicioso, Drovetti virou o cano da pistola para Hester. Harry paralisou enquanto Hester tentava respirar.

— Agora, talvez, faça o que eu estou pedindo. — Drovetti zombou. — O colar ou a dama? Qual será?

Com um som de fúria, Harry jogou o colar aos pés de Drovetti, a peça deslizou até parar contra a bota do italiano, as pedras vermelhas brilhando como as manchas de sangue que escorriam do nariz do sujeito no convés. Drovetti sorriu e se curvou para recuperar seu prêmio, a arma ainda apontada para Hester para garantir que Harry não fizesse nenhum movimento para recuperá-lo.

E então, tudo pareceu acontecer de uma só vez.

Suleiman saiu da cabine atrás de Drovetti. Hester ouviu um estalo alto e viu uma nuvem de fumaça subir da arma de Drovetti. Ela se preparou para receber uma bala no peito, mas o corpo musculoso de Harry colidiu com o dela enquanto ele a tirava do caminho. Ela caiu de joelhos, e Harry foi se esparramando nas tábuas ao lado dela com um grunhido de dor.

Drovetti virou sua pistola para Suleiman, mas o mameluco a arrancou de sua mão como se não passasse de uma mosca irritante. O italiano fez um mergulho para pegar o colar e conseguiu agarrá-lo, mas com um grande rugido, Suleiman atacou-o. Ele segurou o pulso de Drovetti em um de seus enormes punhos e apertou, impiedosamente, até que Drovetti gritou e largou o objeto.

Suleiman se inclinou, pegou-o e o jogou sobre o corrimão do navio. Enquanto flutuava no ar, a prata brilhou várias vezes e girou em um arco largo, depois atingiu a água com um respingo satisfatório.

— Não!!! — Drovetti gritou. Lançando um olhar enfurecido para Suleiman, saltou da amurada do navio e se jogou atrás do prêmio.

Hester olhou para ele espantada. Então se virou para Harry para ver o que ele achava do comportamento imprudente do italiano, mas seu coração ficou preso em sua garganta quando percebeu que ele ainda estava deitado de costas, segurando seu peito e ofegando com o esforço para respirar fundo.

— Harry! — ela suspirou. — Oh, meu Deus! Ele o acertou!

Com as mãos frenéticas, ela empurrou as mãos dele para o lado para ver onde a bala o havia acertado. Havia um buraco em sua camisa diretamente acima de seu coração. Pânico tomou conta dela.

— Não! Harry, não morra! Não pode me deixar. Eu preciso de ti. Eu o amo, maldição!

Ela colocou a mão sobre a ferida e pressionou com força para estancar o fluxo de sangue, depois franziu a testa. Não havia fluxo de sangue. Não era o peito dele que ela sentia sob sua camisa, havia algo mais lá, algo duro e

retangular.

Harry teve um solavanco e soltou um suspiro agonizante. — Ai! Caramba, isso realmente doeu!

Hester recostou-se nos calcanhares, mais do que surpresa, quando ele se sentou e contraiu o rosto. Enfiando a mão na camisa, retirou um objeto de metal prateado. A lateral estava amassada para dentro, e a bala de chumbo redondo da pistola de Drovetti, estava embutida no meio.

— Seu frasco de bolso!

Ela balançou a cabeça, incapaz de compreender a mudança repentina de Harry *morto* para um Harry *sentado e saudável*, bem na sua frente. — Isso deveria estar no bolso do seu casaco — disse ela estupidamente.

Harry enviou a ela um de seus sorrisos derretidos. — Deveria estar — disse ele, — ao lado do meu coração.

Ela franziu a testa. *Por que tinha lhe dado aquilo?* Seu coração martelou descontroladamente, mas ela se advertiu para não tirar conclusões de suas palavras. Ele estava sempre dizendo coisas enigmáticas.

A boca dele se curvou no sorriso daquele pirata que ela conhecia tão bem. Era o sorriso que ele sempre usava quando tinha a última palavra em uma discussão ou fazia algo que a deixava sem palavras.

— Eu ouvi o que disse. — Seu tom era provocador, seus olhos brilhavam com malícia. — A senhorita me ama, Hester Morden! Não...! — disse ele quando ela abriu a boca para discutir. — Não pode voltar atrás. Eu a ouvi, alto e claro. E seu amigo peludo também. — Ele gesticulou em direção a Suleiman, que lhes enviou um aceno jovial. — Tenho uma testemunha.

— Mas...

— Sem mas. — Seu olhar de repente passou por ela virou para cima, concentrando-se no céu. — Bem, olha só para isso.

Hester se virou para ver o que havia capturado sua atenção. Um conjunto de nuvens escuras e ondulantes estava rolando pela baía com uma velocidade nada natural, como uma grande onda. Um estrondo de trovão ecoou à distância, e um relâmpago saltou em direção ao mar. Ela piscou surpresa. — Que extraordinário!

Suleiman se ajoelhou e inclinou a cabeça. — A deusa. — ele sussurrou. — O sacrifício foi aceito. A maldição dela foi quebrada.

— Sacrifício? Que sacrifício? Onde está Drovetti?

Hester começou a se levantar, mas Harry pegou seu pulso e a puxou de volta para baixo. Ela caiu sobre ele, os seios pressionados contra o peito dele e as bochechas aquecidas de mortificação. Tentou resistir, mas Harry a segurou pela nuca e, com um puxão delicado, a puxou para mais perto.

O olhar dele capturou o dela. — Eu não dou a mínima para o que Drovetti está fazendo — disse suavemente. — Ele pode nadar até o Egito, não me importo.

O olhar dele... admirando e com fome ao mesmo tempo... fez o estômago dela revirar um pouco.

Outro estrondo de trovão soou diretamente acima e uma gota grossa de chuva caiu no convés ao lado deles, criando uma pequena mancha escura nas tábuas secas. Harry ergueu as sobrancelhas. Seus olhos brilhavam de humor. Uma segunda gota espirrou nas costas de Hester, molhando sua camisa. E então, como se liberado de uma barragem, um dilúvio caiu sobre eles, encharcando cabelos, roupas e peles.

Os dentes de Harry brilhavam brancos enquanto sorria. O olhar dele se voltou para a boca dela e depois para cima novamente, e todos os nervos do corpo de Hester formigaram em súbita antecipação.

— Acredito que está chovendo, Hester Morden. — A respiração dele alcançou os lábios entreabertos dela. — E isso significa que *deve* me beijar. Afinal, uma promessa é uma promessa.

— Eu disse que o beijaria quando chovesse no deserto — disse Hester. Ela olhou para ele e sua garganta fechou com uma emoção repentina. — Oh, Harry, seu idiota. Levou um tiro destinado a mim!

A mão dele apertou ainda mais a nuca dela. — É claro que sim. Eu a amo. Ainda não percebeu isso?

Ele não esperou por uma resposta. Simplesmente capturou a boca dela com a dele.

Hester quase desmaiou de prazer.

Os lábios dele moldaram os dela com uma confiança deliciosa. A língua dele deslizou ao longo da linha da sua boca, instando-a a separar os lábios, e quando ela o fez, ele entrou e tomou posse total. Sensações passaram por ela com a ferocidade de uma tempestade de areia. Ela cerrou o punho no tecido da camisa dele e o puxou para mais perto, se perdendo na glória daquele momento.

O gosto dele era perfeito, perverso e perigoso, e ela queria continuar beijando-o para sempre, jogar aquele jogo sensual de deslizar e recuar, até que nenhum dos dois pudessem mais pensar.

Ele gemeu em sua boca, um som de pura necessidade animal, e seus dedos enfiaram-se nos cabelos dela, inclinando-lhe a cabeça para sua satisfação. Ele a beijou como se nunca pudesse se cansar dela, como se estivesse sedento por seu gosto por muito tempo. Quando finalmente se afastou, os dois estavam ofegantes.

— Case-se comigo — ele pediu, instável.

Hester balançou a cabeça, tentando esclarecer seus pensamentos confusos. Ela soltou a camisa dele e se afastou. — Não diga isso. Não precisa pedir a minha mão apenas porque nos beijamos. Já lhe disse isso na Inglaterra.

Ele olhou bem fundo nos olhos dela. — Não é por isso que a estou pedindo. Eu *quero* me casar com a senhorita. Mais do que qualquer coisa neste mundo. O que acha de mais uma aventura?

O coração de Hester parecia se expandir e irradiar. — Realmente está falando a sério?

Ele deu um sorriso torto. — Deus me ajude, mas sim. Devo gostar muito de

ser punido.

Ela não pôde evitar e riu. Realmente era um ladino charmoso. A vida em conjunto nunca seria monótona. — Vamos enlouquecer um ao outro.

— Tenho certeza disso.

— Vou querer estrangulá-lo diariamente.

— Vou querer beijá-la ainda mais vezes.

— Isso é uma ameaça?

— É uma promessa. Vou até mesmo beijá-la quando não estiver chovendo.

O que acha disso?

O sorriso de Hester se alargou. — Nesse caso, Tremayne, eu aceito.

Harry deu um grito de alegria e a puxou para perto do seu peito. O abraço dele quase esmagou as costelas dela, mas ela estava rindo contra a sua camisa.

Quando finalmente a soltou, ele a ajudou a se levantar, e os dois se juntaram a Suleiman na amurada do navio. Hester respirou fundo ao avistar o corpo sem vida de Drovetti flutuando de braços sobre as ondas.

— Ele se afogou?

Suleiman assentiu com desgosto. — Os crocodilos não comeram seu coração. — Parecia desapontado. — Foi atrás do colar, embora não soubesse nadar. Tal é o poder da ganância do homem. — Ele olhou significativamente para o céu, que estava mais uma vez um azul brilhante e claro, sem nenhum indício da tempestade anterior. — E da ira da deusa — ele acrescentou reverentemente.

Hester se virou para ver se o clima inclemente havia se movido em direção à terra, mas não havia uma nuvem à vista. Ela balançou a cabeça, perplexa.

Harry estava olhando para a água turva, para o local onde o colar havia desaparecido. — Pelo menos Napoleão não vai colocar as mãos no escorpião. Ele precisaria esvaziar a baía para encontrá-lo agora.

Uma pontada de decepção perfurou Hester com a perda de um objeto tão bonito, mas ela não se importava. O colar poderia descansar sem ser perturbado no fundo do mar. Com ou sem maldição, ela não tinha dúvidas do amor de Harry. E isso era tudo o que sempre desejou.

Harry olhou para Suleiman. — Pronto para voltar para o Egito, meu amigo?

Hester lhe deu uma cotovelada nas costelas. — Não está planejando comprar múmias para levar para a Inglaterra, está?

Ele balançou a cabeça. — O seu argumento para não fornecer múmias aos bons cirurgiões de Londres foi bastante persuasivo... como foi mesmo que disse? Ah sim “avó de alguém”. Toda vez que olho para uma, tenho uma imagem da tia Agatha enrolada em faixas. — Ele tremeu de forma teatral. — Não. Isso não será possível. Existem maneiras melhores de ganhar algum dinheiro.

Levantando-se na ponta dos pés, Hester deu um beijo em sua bochecha. — Obrigada. — sussurrou.

Ele a virou nos braços e se inclinou para beijá-la novamente, mas Suleiman

pigarreou.

— Se lhe agradar, sempre quis visitar Londres. Seu tio falava dela com tanta frequência, Lady Morden, que desejo vê-la por mim mesmo.

— Isso, Suleiman, é uma excelente ideia — disse Harry. — Mas a escolha é da senhorita. — Ele olhou para Hester. — Então, o que vai ser? Inglaterra ou Egito? Casar-me-ei com a senhorita onde achar melhor.

O coração de Hester saltou. — Londres, por favor. Está na hora de voltar para casa.

Harry abriu um sorriso para Suleiman. — Mal posso esperar para apresentá-lo à tia Agatha.



Londres, junho de 1815.

Harry Tremayne dobrou a aba do jornal e sorriu para a esposa quando esta entrou apressada na sala. Ele balançou a cabeça em uma silenciosa admiração. *Esposa*. Mal podia acreditar. Finalmente convencera a irascível e indomável Hester Morden a se tornar a Sra. Hester Tremayne.

Ele quase não conseguiu chegar ao casamento sem fazer amor com ela, mas manteve uma distância quase casta durante os dez dias que levou para navegar de Cannes a Londres e os três dias que levou para obter uma licença especial com o Direito Canônico.

Tia Agatha serviu como testemunha, junto com Suleiman, e sua expressão presunçosa divertiu Harry excessivamente. Tia Agatha parecia pensar que o casamento era inteiramente culpa dela, mas Harry estava se sentindo bastante presunçoso, como noivo, então não disse nada.

A alegria em seu coração foi ecoada pelo som de aplausos e comemorações vindos da rua do lado de fora.

— Ouviu a notícia?! — Hester perguntou sem fôlego. — Está por toda a cidade. Napoleão foi derrotado! Wellington conquistou uma famosa vitória em um lugar chamado Waterloo, na Bélgica.

Harry colocou o jornal *Racing Post* de lado. Makeen havia ganhado cem guinéus em uma corrida na semana passada em Stamford. Erguendo o braço pegou Hester pela cintura e a puxou para o seu colo. Um rubor agitado manchou as bochechas dela, mas não resistiu. Enrolando os braços em volta do pescoço dele, aconchegou-se mais.

— Não posso deixar de me perguntar o que teria acontecido se Bonaparte ainda estivesse na posse do colar — disse ela. — Acredita que teria feito alguma diferença? Estaríamos todos de luto pela derrota de Wellington e nos preparando para uma invasão francesa?

Harry encolheu os ombros. — Eles estão dizendo que a chuva forte na noite anterior à batalha foi um dos fatores decisivos. Napoleão temia que sua artilharia ficasse atolada na lama, então adiou até o meio-dia. Isso deu ao exército prussiano de Blucher tempo para se juntar aos homens de Wellington e garantir a vitória.

— Acha que a maldição teve algo a ver com a tempestade repentina?

— Quem sabe? Há muitas teorias por aí. Alguém disse que achava que Napoleão depositou sua confiança em um mapa incorreto, que mostrava uma estrada onde não havia uma.

Hester arqueou as sobrancelhas. — E todos nós sabemos da importância de mapas precisos, não é mesmo?

— Certamente — disse Harry obedientemente.

Ela colocou a palma da mão na bochecha dele. — *Realmente* acredita em

maldições?

Harry encolheu os ombros novamente. Ele acreditava? Talvez. Definitivamente acreditava em milagres. Seu próprio milagre em particular estava olhando para ele com uma expressão perversa no rosto.

— Venha aqui, esposa. — Ele rosnou. — E me beije.

Lançando um olhar atrevido pela janela ela disse. — Mas não está chovendo.

— Vai chover em breve. Aqui é a Inglaterra. Pense nisso como uma antecipação na precipitação futura.

Ela deu uma risadinha prazerosa e abaixou a cabeça. Harry fechou os olhos e saboreou o gosto inigualável dela, a sensação de tê-la em seus braços. Ele estava em casa.

Após vários minutos ofegando, ela o esbofeteou de brincadeira no braço. — Está me distraindo — ela repreendeu. — Quase esqueci. Recebi uma carta da *Royal Society of Physicians*.

Harry tentou adotar uma expressão surpresa e inocente e, claramente falhou, pois ela estreitou os olhos para ele.

— Parece que os bons médicos estão interessados em ouvir mais sobre as propriedades analgésicas e afrodisíacas de um certo xarope de Lírio Azul do Nilo, que encontrei no Egito. Não saberia nada sobre isso, saberia, Harry Tremayne?

Um sorriso abriu seu rosto. — Eu sei que não precisamos do dinheiro, meu amor. Não desde que tia Agatha cumpriu sua promessa de cinco mil libras para o homem que a trouxesse de volta para a Inglaterra.

Ela o cutucou no peito.

— Mas deve admitir, seria uma pena privar o mundo de algo que poderia ser benéfico para milhares de pessoas. E pense, os cirurgiões estarão tão ocupados pesquisando sua poção do amor que não terão tempo de dissecar nenhuma múmia.

Hester bufou sem força. Saindo do colo dele sentou-se à mesa no canto. Da gaveta, pegou um pequeno livro, mergulhou uma pena no tinteiro e começou a escrever.

— O que está fazendo?

Ela levantou a cabeça. — Estou escrevendo um registro de nossas aventuras no Egito.

— Vai mencionar o colar de escorpião?

— Claro. E a maldição também.

— *Suposta* maldição — disse Harry.

Mordendo a ponta da pena ela perguntou pensativa. — Eu sei que ele terminou no fundo do mar, mas e se ele voltar para as mãos de alguém algum dia? Um registro escrito de nossa experiência pode ser um recurso inestimável para as gerações futuras.

Harry sorriu. — Uma ideia nobre. Eu nem sonharia em impedi-la.

Ela deu-lhe um olhar de felicitações. — A resposta perfeita, Tremayne.

Acredito que possa vir a ser um bom marido, afinal.

Harry olhou-a acalorada e apreciou o rubor que tingia suas bochechas. — Ah, conhece o lema da família. *Semper Paratus*. Estou pronto para qualquer coisa que possa jogar em mim, minha querida.

FIM.



Obrigado por ler *A Promessa de um Beijo*. Espero que tenha gostado das aventuras de Harry e Hester tanto quanto eu gostei de escrevê-las!

Considere deixar uma avaliação em qualquer (ou em todos!) os sites online: todas as avaliações são muito apreciadas!

Boa leitura!

Amor Kate

Vem aí



Sobreviver em uma ilha tropical é difícil.

Viver com ele é impossível...

Naufragada em uma ilha tropical, Caroline “Caro” Montgomery fica furiosa ao descobrir que seu único companheiro de viagem é o irritante melhor amigo de seu irmão, Maximillian Cavendish, o décimo quarto duque de Hayworth.

Max pode ser o homem mais bonito que ela já conheceu, mas ele a provoca desde que eram crianças. Assim, quando Max afirma ter perdido a memória, Caro aproveita a oportunidade para se vingar - e o informa que ele é um humilde ajudante de estábulo.

Enquanto trabalham juntos para sobreviver, a atração entre eles se intensifica. Mas será que Caro deve revelar sua mentira? E o que acontecerá se Max finalmente se lembrar de que é um duque?

Mais da Autora

Série Espiões e Segredos



9786580754441

Um mestre espião e uma bela ladra encontram o amor e a intriga nos braços um do outro...

Forçada a fazer a vontade de um ministro corrupto do governo, Marianne de Bonnard concorda em plantar provas incriminatórias nos escritórios do mais notório espião da França. Sob a capa da noite, a ladra que caminha na corda bamba faz bom uso de suas habilidades - até que sua acrobacia aérea é frustrada quando seu alvo aparece na janela e, com uma postura inabalável, ajuda Marianne a sair do arame e entrar em seu covil. Os tremores que atravessam seu corpo não são apenas de medo; há um frisson indesejável de desejo também. Mas será por causa de seu anfitrião elegante, maliciosamente bonito... ou por sua proposta?

Nicolas Valette tem planos para sua graciosa invasora desde que testemunhou suas habilidades únicas no Cirque Olympique. Sinuosa como uma gata, Marianne é perfeita para sua próxima missão, mas ela recusa sua generosa oferta por medo de desobedecer ao atormentador de sua família. Quando seus inimigos mútuos leiloam sua virgindade ao maior lance, Nicolas pula na chance de comprar sua cooperação. Mantê-la será como tentar domesticar um animal selvagem, mas o que é a vida sem um pouco de risco? Além disso, Nicolas e Marianne querem a mesma coisa: vingança - e, talvez, algo mais que seja igualmente delicioso.



9786580754731

Quando uma estudiosa decifradora de códigos e um espião ardente se reúnem neste romance histórico escaldante da autora de Para Roubar um Coração, suas vidas dependem de sua capacidade de resistir à tentação. Mas o destino é um amante que não pode ser negado...

Inglaterra, 1815.

Na guerra contra a França, Heloise Hampden é um bem de alto valor para a Coroa. Quando ela rompe a mais recente comunicação do inimigo, agentes franceses são enviados para silenciá-la. Mas é o agente designado para proteger Heloise que representa a maior ameaça ao seu coração: William de l'Isle, Visconde Ravenwood. Heloise vem brigando com o homem que chamam de Raven desde a infância, mas sempre mantendo uma distância casta. Ela tem certeza de que isso não mudará, graças à cicatriz que desfigura seu rosto.

Nada mudou. Raven ainda se pergunta como o corpo delgado da megera Hampden se sentiria pressionado contra o dele, mas, para a missão, terá que se lembrar de que a mulher tem mais prazer em línguas antigas do que em sedução.

Sua prisão há seis anos o quebrou de uma forma que torna impossível a perspectiva do amor - é um Hades sombrio que está ansioso por uma Persefone beijada pelo sol. Ainda assim, seu coração bate como louco sempre que está a dez passos de Heloise, e fará o que for preciso para mantê-la a salvo - mesmo que isso signifique levá-la para a Espanha como uma refém relutante.

Protegê-la do perigo será um desafio; protegê-la do seu desejo será pura agonia.

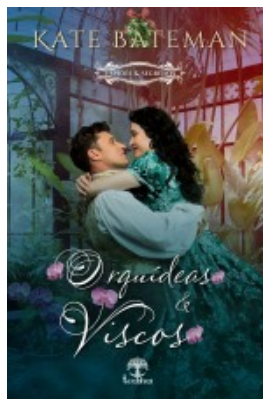


9786554440103

Uma falsificadora mal-humorada e um agente britânico arrogante se chocam neste romance escaldante de K. C. Bateman, cujos romances históricos espirituosos, inteligentes e sensuais se tornaram sua assinatura.

Enquanto Sabine de la Tour atira pilhas de notas falsificadas em uma fogueira em um parque parisiense, despede-se relutantemente de sua vida dupla como uma criminoso notória. Ao longo do reinado de Napoleão, suas falsificações desestabilizaram o continente e transformaram os canalhas em homens ricos, mas agora ela e seu parceiro de negócios precisavam fugir da França - ou enfrentar a guilhotina. Sua única esperança de sobreviver na Inglaterra era fazer um acordo com o próprio espião que havia superado em sua carreira. Agora, depois de encontrar o agente arrogante em carne e osso, Sabine anseia atirar-se à sua misericórdia - e aos seus braços.

Richard Hampden, Visconde Lovell, está preparado para assumir qualquer risco para salvaguardar a Inglaterra dos horrores da Revolução Francesa. Para atrair os insurgentes das sombras, até está disposto a fazer um pacto com seu arqui-inimigo: Philippe Lacorte, o maior falsificador da Europa. Mas, quando uma beleza atrevida e esbelta prova ser Lacorte, Richard fica chocado - e mais do que um pouco excitado. Ao contrário das debutantes que tantas vezes se atiravam nele, esta sirigaita astuta oferece um desafio único e irresistível. Richard vai ajudá-la. Mas em troca, quer algo que nem mesmo Sabine pode falsificar.



9786554440318

O ex-espião Christopher ‘Kit’ Carlisle mal deixou sua propriedade rural desde sua fuga do cativeiro durante a guerra, mas uma promessa no leito de morte o forçou a ir a Londres em busca da bela - e frustrantemente esquiva - Emma Townsend.

A botânica Emma voltou do Brasil, determinada a manter suas preciosas orquídeas vivas tempo suficiente para apresentá-las à Royal Society. Para isso, precisa de uma estufa e da ajuda do único homem que sempre fez seu coração bater mais rápido: O lindo e chocante Kit.

Quando Kit concorda, relutantemente, em permitir que Emma e suas plantas passem o Natal com ele em sua propriedade rural, a atração que fervilha entre eles é difícil de negar. Na companhia de Emma, o Kit mal-humorado redescobre a alegria de estar vivo, enquanto Emma não consegue resistir ao impulso de fazer Kit sorrir novamente - ou de roubar suas roupas enquanto ele toma banho...

NB: Esta doce adição à série *Espiões & Segredos* apresenta o tema “irmã do melhor amigo”, com toques de a Bela e a Fera..

Para Pagar o Diabo



9786554441643

Finalista do Prêmio Rita

Um mercenário implacável, hábil na arte da conquista. Uma herdeira que se recusa a ser domada. A própria barganha do Diabo...

Na Itália de 1492, Cara di Montessori, uma herdeira determinada, busca vingança contra seu tio traidor que assassinou seu pai e tomou sua casa. Para recuperar seu direito de nascimento e garantir sua sobrevivência, ela se alia a seu inimigo de infância, o mercenário conhecido como Il Diavolo.

Alessandro del Sarto, apelidado de Il Diavolo, é um homem endurecido pela batalha e desiludido com o mundo, que busca um casamento político conveniente. No entanto, Cara, a mulher obstinada e irresistível, sempre foi seu ponto fraco. Quando Cara pede sua ajuda, eles fazem um acordo: ela deve entreter os convidados de Alessandro, aliviar seu tédio e aquecer sua cama em troca de sua assistência.

Embora Cara esteja determinada a resistir à sedução do Sarto, a paixão que arde entre eles é explosiva. Envolvida em perigos e intrigas, ela se vê diante de uma escolha entre seu destino preestabelecido e o desejo do seu coração, que pode ser o maior prêmio que ela já teve.

Kate Bateman



Kate Bateman / K.C. Bateman, é a autora best-seller número 1 de romances históricos da Regência e Renascença, incluindo a série Segredos & Espiões e a série Bow Street Bachelors. Seus livros receberam várias resenhas e estrelas do Publishers Weekly e Library Journal, e apresentam heroínas inteligentes e combativas (duronas em corpetes!), brincalhonas maliciosamente inapropriadas, e heróis que queremos estrangular e beijar. Sua brincadeira renascentista O Diabo para Pagar foi indicado ao RITA em 2019.

Quando não escreve, Kate leva uma vida dupla como avaliadora de belas artes e especialista em antiguidades na tela de vários programas de TV no Reino Unido. Ela vive atualmente em Illinois, EUA, com seu marido, amante de números, e três filhos incansáveis, e volta regularmente para sua Inglaterra natal “para pesquisa”. Kate adora ouvir os leitores. Entre em contato com ela através de seu website: www.kcbateman.com e inscreva-se para receber regularmente atualizações sobre novos lançamentos, brindes e trechos exclusivos.

Informações Leabhar



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books®